



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
FILOSOFIA**

HENRIQUE JOSÉ BOEIRA

**A ÉTICA ARISTOTÉLICA:
A RELAÇÃO ENTRE O AGIR VIRTUOSO E O IDEAL DE FELICIDADE**

**ERECHIM
2021**

HENRIQUE JOSÉ BOEIRA

**A ÉTICA ARISTOTÉLICA:
A RELAÇÃO ENTRE O AGIR VIRTUOSO E O IDEAL DE FELICIDADE**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. Alcione Roberto Roani

**ERECHIM
2021**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

, Henrique José Boeira
A ÉTICA ARISTOTÉLICA: A RELAÇÃO ENTRE O AGIR
VIRTUOSO E O IDEAL DE FELICIDADE / Henrique José Boeira
. -- 2021.
94 f.

Orientador: Dr. Alcione Roberto Roani

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Erechim, RS, 2021.

I. , Alcione Roberto Roani, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

HENRIQUE JOSÉ BOEIRA

A ÉTICA ARISTOTÉLICA: a relação entre o agir virtuoso e o ideal de felicidade

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Licenciado em Filosofia da
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 20 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alcione Roberto Roani
Orientador

P.P



Prof. Dr. Celso Eidt
Avaliador

P.P



Prof. Dr. Marcio Soares
Avaliador

Miquéias 6:8 – “Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o Senhor exige: pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus”.

Dedico a Deus, ao qual todo joelho se dobrará.

AGRADECIMENTOS

Venho agradecer ao Professor Dr. Alcione Roberto Roani, pela paciência e perseverança que teve na orientação e grande auxílio na elaboração deste trabalho. Sem este auxílio não seria possível a conclusão deste trabalho neste ano de extrema dificuldade enfrentada pelo mundo acadêmico.

Agradeço a Deus, ao qual sou temente e professo a minha fé, desde a minha adolescência quando experimentei momentos de dificuldades, e nesse momento confiei em Deus e tive momentos inesquecíveis. Neste período que estive na universidade, Deus me deu o privilégio de conhecer a pessoa mais incrível que já conheci, que é a minha filha Sarah, muito grato a Deus.

Agradeço a minha mãe pela dedicação e cuidado que teve quando ainda era criança, ao levantar cedo e ir trabalhar na lavoura para ganhar dez reais pelo dia de trabalho. Momentos como esse que fazem de mim uma pessoa grata por tudo que já vivi, e serei eternamente agradecido pela oportunidade que tenho.

Por fim, agradeço a UFFS, pelo aprendizado durante esse período que frequentei o campus, meu sincero agradecimento a todos os professores, que são verdadeiros heróis. Infelizmente, o mundo foi acometido por esse vírus mortal, aonde muitas pessoas de nosso convívio acabaram falecendo. Os acadêmicos também foram bastante afetados, as rodinhas de café deixaram de existir, locais de grandes embates filosóficos, enfim, vai ficar a saudade deste memorável tempo que vivi.

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de analisar a ética, tendo como base referencial a obra *Ética a Nicômacos* de Aristóteles. Nesta obra é possível verificar que o autor trata do agir humano e da busca da felicidade verdadeira. O presente texto resgata a discussão sobre a *eudaimonia*, derivada de uma ação ética, tendo como ponto de partida uma vida voltada a ação ética. É através do exercício das virtudes que o homem alcançará a felicidade. De início o trabalho aborda as ações de uma propriedade ética, fazendo uma demonstração das disposições de caráter baseadas na *Ética a Nicômacos*. Como o título deste trabalho já antecipa, a virtude terá um enfoque importante neste trabalho, explicando que a virtude moral não surge por natureza, mas é adquirido através do hábito. Portanto, sem a vida prática é impossível que um homem seja bom, pois as virtudes morais são adquiridas através da vida prática e das ações, sendo o homem a causa de suas próprias ações. Na sequência do trabalho também é apresentado a felicidade como um bem louvável, dando a esse indivíduo um destaque, pois a felicidade é louvável por ser uma atividade da alma em concordância com as virtudes éticas que é autossuficiente e possui perfeição e é resultado de uma vida de busca constante. Na última parte do trabalho será abordado a questão da atividade do homem, atividade está que é própria do ser humano, portanto possui um caráter orientativo para a vida de virtudes distante das paixões. Através da vida prática o homem é levado a praticar atos considerados éticos, e é através da comunidade aonde ele vive que essas ações devem ser colocadas em prática. Portanto o homem como animal político que é necessita da comunidade para viver e deverá nesta mesma comunidade demonstrar qual é o seu verdadeiro estado de caráter. Desta maneira esse indivíduo terá a felicidade alcançada quando dedicar-se a praticar ações virtuosas na comunidade. Este trabalho tem como objetivo estudar a *Ética a Nicômacos* de Aristóteles, e demonstrar a ética como ação prática nas relações humanas em comunidade. Na atualidade a ética é meramente uma questão discursiva, ou seja, o que realmente temos hoje é a parte teórica da ética, mas veremos que Aristóteles está interessado na ética como ação, e não somente uma questão de conhecê-la, mas praticá-la.

Palavras-chaves: Virtudes. Ser humano. Constante. Ética. Prática

ABSTRACT

The present work has the objective of analyzing ethics, having as referential base the work *Nicomachean Ethics* by Aristotle. In this work is possible to verify that the author deals with human actions and the search for true happiness. The present text rescues the discussion about *eudaimonia*, derived from an ethical action, having as a starting point a life directed to the ethical action. It is through the exercise of virtue that man will reach happiness. First, the work approaches the actions of an ethical property, making a demonstration of the character dispositions based on the *Nicomachean Ethics*. As the title of this work already anticipates, virtue will have an important focus in this work, explaining that moral virtue does not arise from nature, but it is acquired through habit. Therefore, without practical life is impossible for a man to be good, since moral virtues are acquired through practical life and actions, being the man the cause of his own actions. In the sequence of the work, happiness is also presented as a commendable good, giving to this individual some notoriety, since happiness is commendable for being an activity of the soul in accordance with the ethical virtues, which is self-sufficient and has perfection and is the result of a life of constant search. In the last part of the work, it will be approached the question of the activity of man, such activity which is proper of the human being, therefore possessing an orientating character for a virtuous life distant from passions. Through the practical life, the man is led to practice acts considered ethical, and it is through the community where he lives that these actions must be put to practice. Therefore, the man as a political animal that he is needs the community to live and shall in the same community demonstrate which is its true state of character. In this manner, this individual will achieve happiness when he dedicates himself to practicing virtuous actions in the community. This work has as objective to study *Nicomachean Ethics* by Aristotle and to demonstrate ethics as a practical action in human relations in a community. Nowadays ethics is merely a discursive issue, in other words, what we actually have today is the theoretical part from ethics, but we will see that Aristotle is interested in ethics as action, and not only a question to be known, but to be practiced.

Key-words: Virtue. Human Being. Constant. Ethics. Practice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AÇÃO ÉTICA.....	14
2.1 O CARÁTER.....	23
2.2 A FUGA DO SOFRIMENTO, ATRAVÉS DA BUSCA DO PRAZER.....	29
2.3 O ANTAGONISMO ACERCA DA VIRTUDE	32
2.4 A FORMAÇÃO DA ALMA	39
2.5 ÉTICA E AMIZADE.....	43
3 EUDAIMONIA E AÇÃO ÉTICA	47
3.1 EUDAIMONIA: UM BEM UNIVERSAL.....	52
3.2 A PERFEIÇÃO E AUTOSSUFICIÊNCIA DA FELICIDADE.....	58
3.3 VIDA CONTEMPLATIVA.....	62
4 ATIVIDADE E FUNÇÃO DO HOMEM	67
4.1 AKRASIA.....	73
4.2 FELICIDADE DURADOURA	80
5 CONCLUSÃO.....	92
6 REFERÊNCIA.....	94

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é o de explorar o estudo da ética de Aristóteles, como condição para a felicidade, desta forma a obra *Ética a Nicômaco*, torna-se importante para poder esclarecer a visão de Aristóteles sobre viver uma vida pautada na ética. Tema este que está presente no contexto que vivemos, ou seja, apesar de ser uma obra antiga a ética de Aristóteles, tem fundamental valor, pois ela nos remete a uma vida de virtudes e ética através da razão. Haja vista que Aristóteles desenvolve¹ sua obra, tendo como premissa o bem comum, os juízos morais do homem virtuoso e bom, na procura do supremo bem, ou seja, a felicidade.

Para Aristóteles é fundamental que o homem conviva em comunidade, pois para ele a comunidade política social, é o meio utilizado para o desenvolvimento da moral, e é assim que o modelo de vida teórica desenvolve, para Aristóteles a felicidade.

Ora, todas as formas de comunidade são como partes da comunidade política. Por exemplo: é tendo em vista alguma vantagem particular que os homens viajam juntos, e a fim de proverem alguma coisa necessária à vida; e é por causa da vantagem que a comunidade política parece ter-se formado e perdurar, pois esse é o objetivo que os legisladores se propõem, e chamam justo o que concorre para a vantagem comum (ARISTÓTELES, EN² VIII 1160a10, 1973, p. 388).

É na convivência na *polis*³ que o homem realiza-se como um animal político, por tanto, é imprescindível que o homem que é um ser social, não viva isolado, mas que viva em comunidade, pois o homem bom e sábio saberá viver em harmonia, sendo um bom cidadão.

¹ Um dos períodos de maior preocupação e de grandes descobertas do pensamento grego, destaca-se o surgimento de uma grande preocupação, principalmente com problemas de política e moral. No século IV a.C., com o surgimento da democracia e a aristocracia, movimentos esses que alavancaram o nascimento, da filosofia moral e política.

² Utilizaremos doravante a sigla EN como referência da obra *Ética a Nicômacos*, e para melhor localização da fonte citada, utilizarei modelo internacional para citar a EN.

³ Comunidade cujo governo era desenvolvido pelos próprios cidadãos (himens livres, em grego: *politikos*), separando claramente o espaço público, do privado; regida por normas gerais, preceitos e um poder por eles guiado,

No livro a *Ética a Nicômacos*, Aristóteles, desenvolve seu pensamento filosófico debruçado sobre o principal elemento desejado pela maioria das pessoas, a felicidade. Ele aborda vários elementos fundamentais, como a vida contemplativa, atividade virtuosa entre outras. Essas, são algumas condições para alcançar a felicidade, lidando com elementos fundamentais da ética, visando alcançar o objetivo principal, o bem, que é essencial para alcançar a felicidade. A ação humana é fundamental e isso está presente na vida do homem, Aristóteles faz uma separação pelo método e conteúdo: saber prático e a técnica criadora, realizando assim uma distinção entre o saber teórico e o prático, pois para ele o homem é o responsável por autodesenvolver-se, dando amplitude e dinâmica ao seu agir, tendo consciência de sua capacidade e seu agir, visando uma finalidade.

Através deste trabalho, pretende-se elucidar algumas questões importantes na *Ética a Nicômacos*. Aristóteles fornece elementos para indicar o caminho da busca de um bem genuíno, através da ética o cidadão da *polis* encontrará esse bem, que é a felicidade. Porém, a problemática principal deste presente trabalho é esclarecer, e responder, se realmente é possível ser feliz, vivendo em desacordo com os padrões de ética conforme Aristóteles descrevem em sua obra. Para poder esclarecer as teorias e argumentações de Aristóteles é necessário esclarecer que o homem sempre viveu em sociedade e segundo o estagirita descreve em sua obra, a felicidade é um bem humano que é realizado através dos exercícios, ou seja, é uma atividade meramente humana. A *Ética a Nicômacos*, nos ilustra uma vida perfeita, através da prática das virtudes, essa vida perfeita estende-se para todos que fazem parte da tribo ou da família, pois um dos fatores que traz felicidade é a vivência com demais indivíduos da *polis*. Pois quando o indivíduo convive ele está ampliando laços e através dessa vivência, o homem torna-se bom. Pois sem essa vivência é impossível desenvolver as virtudes morais, elas só se desenvolvem e tornam-se visível quando o homem vive em sociedade, ou seja, saber conviver e conviver bem em sociedade.

Outro ponto fundamental nesse processo de busca continua da *eudaimonia*⁴, é o viver bem, e ao bem agir, agindo assim o homem poderá alcançar o supremo bem que para o filósofo é a felicidade. Muito importante ressaltar, que na época do autor não era a mesmas ações comportamentais da atualidade. Para muitos viver bem é ter uma vida de festas e curtidão, evitando o máximo uma vida de trabalho, Aristóteles defende outra maneira de encontrar a felicidade que é através do viver bem. Desta maneira é impossível ser feliz fora da ética, pois para o filósofo ser feliz é necessário esforço. A felicidade é movimento é adquirida através da prática das virtudes, sem o esforço a vida é vazia, pois desta maneira o homem estará sujeito a afastar-se da *eudaimonia*. A *eudaimonia* é derivada de uma ação ética, referenciando um dos conceitos mais importante da obra do autor, o sumo bem.

Será utilizado como tema principal deste capítulo a felicidade, bem este que é buscado por todos e é autossuficiente e perfeito, não necessita de nada para acrescentá-lo. Por fim, no terceiro e último capítulo será abordado a questão da função do ser humano que o diferencia dos outros seres e as ações deste ser humano, tendo em vista que toda ação terá um fim, apresentarei a felicidade como fim último. Neste capítulo focarei na *akrasia*, baseado na concepção de Aristóteles, explicitando algumas ações humanas que contradizem os princípios humanos. Um dos pontos de destaque do capítulo, será a exposição da felicidade permanente na vida do homem, independente dos infortúnios que a vida reserve, pois a felicidade é o bem maior, independente dos infortúnios da vida.

Para poder descrever e elaborar essa pesquisa serão utilizadas várias fontes, tendo como pilar principal a obra de Aristóteles e comentadores, entre eles o livro *Ética* de Adolfo Sánchez Vázquez e a *Ética Nicomaquéia* de Aristóteles do Marco Zingano, além de pesquisas bibliográficas da internet.

⁴ As palavras *eudaimonismo* ou *eudaimonia* dizem respeito a uma doutrina que prega a felicidade como finalidade da vida humana. Segundo Aristóteles, a felicidade é uma finalidade (telos) maior e comum a todos os seres racionais. Nessa concepção teleológica (que busca apontar finalidades para as ações práticas). Essa busca, porém, não dá ao ser humano a plena liberalidade de ação, pois essa deve estar em conformidade com a felicidade dos outros. Revista Uol, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/eudaimonia.htm> > Acesso em 11 jun. 2021.

Nas páginas a seguir, passamos a discorrer sobre os assuntos acima citados. De imediato será abordado a questão das propriedades da ação ética, demonstrando assim a dimensão política e social que a filosofia prática de Aristóteles nos demonstra. Aristóteles leva-nos a questionar, enfatizando a importância de deixar um legado para as gerações futuras, sobre o homem como animal político. Aristóteles em seu livro, aponta o caminho e meios para viver uma vida de felicidade, não somente no âmbito individual mas também coletivo.

2 AÇÃO ÉTICA

O homem como animal racional que é, também é responsável por toda ação, desta forma podemos afirmar que toda ação é oriunda do homem, sendo assim o homem é a causa eficiente enquanto motivação. Este homem também é a causa final desta ação, porém a ação só é conhecida quando é manifesta pela via da prática. Desta forma, só é possível nos tornarmos seres éticos através da via da prática e tendo ações conscientes. Existe uma grande diferença entre conhecer o princípio da ação e praticá-lo no agir, ou seja, ninguém é virtuoso conhecendo o modo de agir, pois não é possível viver teoricamente o agir, tal conhecimento não tornará ninguém virtuoso, mas sim o agir bem. Para que o cidadão, possa tornar-se uma pessoa com excelência, na questão da ética é necessário a prática diária das atividades virtuosas. Neste sentido: “[...] no tocante à virtude, pois, não basta saber, devemos tentar possuí-la e usá-la ou experimentar qualquer outro meio que se nos antepare de nos tornarmos bons” (ARISTÓTELES, EN X 1179b1, 1973, p. 432).

Entretanto, não basta somente conhecer, mas o agir tem maior relevância que a teoria, neste sentido o homem deve agir conscientemente e por livre e espontânea vontade, sem influência de terceiros.

O agir apresentado na obra de Aristóteles está ligado à disposição de sentido, ou seja, pelas afecções que dispõem bem ou mal, dando nos o norte para a direção que devemos seguir, isto é, para o prazer ou para dor. O estagirita constrói uma possibilidade de ultrapassar a capacidade patológica, essa disposição construída tenta organizar e dar sentido aos movimentos. Portanto, essas disposições são geradas no homem de forma constante, dando origem e construindo o caráter humano. Diante de tudo isso, o filósofo busca o sentido, para que possamos utilizar como uma orientação prática:

E assim as opiniões dos sábios parecem harmonizar-se com os nossos argumentos. Mas, embora essas coisas também tenham um certo poder de convencer, a verdade

em assuntos práticos percebe-se melhor pela observação dos fatos da vida, pois estes são o fator decisivo (ARISTÓTELES, EN X 1179a16, 1973, p. 432)..

O objetivo da ética e seu estudo é a ação, deixando o conhecimento, em segundo plano dando assim origem a ação virtuosa, pois não é o conhecimento que tornará alguém virtuoso. Entretanto, podemos ter grandes conquistas intelectuais, mas se nos faltar a virtude, *aretê*⁵, o conhecimento intelectual não nos tornará seres éticos e virtuosos. Portanto, para Aristóteles não podemos ter uma vida pautada somente na vida intelectual, é necessário praticar a ética através das ações humanas que acontecem na comunidade e convívio com as pessoas.

No item anterior verificamos que toda ação depende indispensavelmente do homem, tornando o resultado da aplicação geral da ação que se observa e se espera. Porém esse contingente geral da ação encabeçada pelo autor, só poderá formar o caráter se sua aplicação ocorrer no momento correto, momento este que temos o medo e o prazer. Permanecendo nesta situação o homem se entregará ao prazer ou fugirá dele, desta maneira Aristóteles dispõe os meios que evita o excesso e a falta:

Por meio-termo no objeto entendo aquilo que é equidistante de ambos os extremos, e que é um só e o mesmo para todos os homens; e por meio-termo relativamente a nós, o que não é nem demasiado nem demasiadamente pouco – e este não é um só e o mesmo para todos. Por exemplo, se dez é demais e dois é pouco, seis é o meio-termo, considerando em função do objeto, porque excede e é excedido por uma quantidade

⁵ *Aretê* (gr., a perfeição ou excelência de uma coisa). Perfeição ou virtude de uma pessoa. No pensamento de Platão e Aristóteles, a virtude está relacionada com a realização de uma função (*ergon*), exatamente da mesma maneira que um olho é perfeito se realiza a função que lhe é própria, a visão. Este é seu *telos* ou finalidade. A *aretê* é então identificada com aquilo que permite uma pessoa viver bem ou de modo bem-sucedido, embora seja controverso se a virtude é portanto apenas um meio para uma vida bem-sucedida ou uma parte essencial da atividade de viver bem. De acordo com Aristóteles, as várias virtudes consistem em saber como alcançar um meio-termo entre vícios opostos do excesso do defeito. O pensamento grego também abriu caminho para o ideal cristão segundo o qual o desenvolvimento pleno do *aretê* nos seres humanos consiste numa vida autossuficiente feita de contemplação e sabedoria. A palavra em sânscrito, *kusala*, é usada no budismo para representar a mesma associação entre a perfeição e a arte de ser um bom ser humano. Dicionário de filosofia, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/> > Acesso em 30 Out. 2021.

igual; esse número é intermediário de acordo com uma proporção aritmética (ARISTÓTELES, EN II 1106a30-34, 1973, p. 272).

Assim, viver uma vida no meio termo forçará o homem a agir virtuosamente, isso implica em dizer que tal capacidade de agir, segundo as virtudes definirá a autenticidade e o caráter do homem.

Vejam os a distinção entre ciências práticas e ciências produtivas, ou seja, algumas atividades produzem seus fins, entre elas destaca-se a política e a ética. Entretanto, algumas tem seus fins diferentes de suas atividades, podemos destacar artes e técnicas, porém existe um aspecto que é comum entre todas elas que é a busca do bem. No que diz respeito a ética em grego *ethos*⁶, que significa, modo de ser ou caráter, e é o indivíduo que se prepara para viver e ter uma vida em comunidade, vivendo bem consigo mesmo e com os demais cidadãos da comunidade. Ocasão esta, que através de uma conduta ética, traz uma boa convivência desse cidadão com os demais indivíduos da *polis*, portanto torna-se importante ter um comportamento adequado na sociedade. Desta maneira, a convivência torna-se tarefa árdua e difícil, pois nossas ações afetam outros indivíduos da sociedade civil “[...] isso, pois, é o que também ocorre com as virtudes: pelos atos que praticamos em nossas relações com os homens nos tornamos justos ou injustos; pelo que fazemos em presença do perigo e pelo hábito, do medo ou da ousadia, nos tornamos valentes ou covardes”(ARISTÓTELES, EN X 1103b14, 1973, p. 267).

Em tempos de ausência de alguns valores importantes que regem a sociedade, valores que são criados pelo próprio homem “[...] os valores são, pois, criações humanas, e só existem e se realizam no homem e pelo homem”. (VÁSQUEZ, 2008, p.147). Torna-se importante solucionar os problemas práticos, ou seja, as relações afetivas entre os indivíduos da *polis*, portanto todos os indivíduos da *polis* terão que seguir a mesma linha de pensamento. Entretanto,

⁶ Do gr. *ethos* significa originalmente morada, seja o habitat dos animais, seja a morada do homem, lugar onde ele se sente acolhido e abrigado. O segundo sentido, proveniente deste, é costume, modo ou estilo habitual de ser. A morada, vista metaforicamente, indica justamente que, a partir do *ethos*, o espaço do mundo torna-se habitável para o homem. Assim, o espaço do *ethos* enquanto espaço humano, não é dado ao homem, mas por ele construído ou incessantemente reconstruído. Dicionário de filosofia, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/> > Acesso em 30 Out. 2021.

se uma pessoa da *polis* tender a praticar atos moralmente depravados, esse comportamento afetar  a todos os indivíduos da *polis*.

Por isso Aristóteles destaca, que a  tica não pode somente ficar restrita a teoria, mas ela deve ser prática, tornando os homens bons em suas rela es:

Mas a maioria das pessoas não procede assim. Refugiam-se na teoria e pensam que estão sendo filósofos e se tornarão bons desta maneira. Nisto se portam, de certo modo, como enfermos que escutassem atentamente os seus médicos, mas não fizessem nada do que estes lhes prescrevessem. Assim como a saúde destes últimos não pode restabelecer-se com tal tratamento, a alma dos segundos não se tornará melhor com semelhante curso de filosofia (ARISTÓTELES, EN II 1105b14/15/16, 1973, p. 271).

Cada vez que o homem age ele encontrar  um desafio, pois o caráter do homem depende das suas a es, ou seja, caráter e a o são condi o essencial para o bem viver e diante das a es estará a sua felicidade. Durante a sua vida, esses desafios sempre estarão presente no cotidiano da vida do homem, pois em cada a o o homem precisará saber o que é bom e como vai agir. Essas a es independem de outros fatores, mas somente do homem, ou seja, na utiliza o da razão pr tica⁷. Desta forma temos:

Portanto, o homem bom deve ser amigo de si mesmo (pois ele próprio lucrar  com a prática de atos nobres, ao mesmo tempo que beneficiar  os seus semelhantes); mas o homem mau não o é, porque, com o abandono às suas m s paixões, ofende tanto a si mesmo como aos outros. Para o homem mau, o que ele faz, está em conflito com o que deve fazer, enquanto o homem bom faz o que deve; porque a razão, em cada um

⁷ No âmbito da razão prática, o desempenho filosófico de Kant presta contas a um significado duplamente bifurcado de obrigatoriedade e legisla o, vale dizer, considerar o homem como *auctor obligationis* e, simultaneamente, como *subjectum obligationis*, para então examinar, por um lado, sua identidade numérica como um ator de deveres e, por outro, encarar o mesmo sujeito enquanto esteio de direitos, contraposto externamente ao primeiro na figura de um sujeito de direitos. Revista philosophos, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/7623> > Acesso em 30 Out. 2021.

dos que a possuem, escolhe o que é melhor para si mesma, e o homem bom obedece a razão (ARISTÓTELES, EN IX 1169a15, 1973, p. 409).

Na razão prática, percebe-se uma grande diferença entre o conhecimento teórico, como o nome já diz, por esse motivo, diante da razão prática estão as ações que o homem fará para deliberar, e decidir qual será a sua ação prática. Pois, o homem que possui a razão prática escolherá sempre o que é bom, e saberá realizar uma análise, ele deliberará sobre o melhor produzindo um modo de agir e uma ação boa. Aquilo que para muitos cidadãos não tem muita importância, poderá trazer muitas consequências trágica para a sociedade, pois estas ações afetam outras pessoas e uma comunidade inteira. Esse problema prático moral tem se destacado em quase todas as áreas da sociedade brasileira, aonde o sujeito tem grande conhecimento teórico ético, por outro lado não pratica aquilo que aprendeu. Todos nós diariamente enfrentamos determinadas situações, que teremos que demonstrar nosso comportamento. Para que o convívio em sociedade seja saudável, caso tenhamos uma ação errada, não somente um grupo de pessoas poderá ser afetada por essa ação, mas também uma sociedade inteira, conforme destaca Vásquez.

As consequências podem afetar somente um indivíduo (devo dizer a verdade ou devo mentir a X?); em outros casos, trata-se de ações que atingem vários indivíduos ou grupos sociais (os soldados nazistas deviam executar as ordens de extermínio emanadas de seus superiores?). Enfim, as consequências podem estender-se a uma comunidade inteira, como a nação (devo guardar silêncio em nome da amizade, diante do procedimento de um traidor? (VÁSQUEZ, 2008, p.16).

Como estamos inserido em uma cultura, e quando falamos desta área que apresenta grande variação de região para região, ou seja, cada cultura determina suas próprias leis morais que deverá ser seguido pelos indivíduos desta localidade. De certa forma, agimos moralmente quando seguimos e cumprimos essas condutas especificadas pela comunidade que estamos

inseridos “[...] de fato, o comportamento humano prático-moral⁸, ainda que sujeito de uma variação de uma época para outra e de uma sociedade para outra, remonta até as próprias origens do homem como ser social”. (VÁSQUEZ, 2008, p.17). Por isso, torna-se importante estudar a ética de Aristóteles, pois apesar da diferença cultural de localidade para localidade a ética é um código entre os indivíduos de determinada comunidade.

Fica evidenciado na ética a Nicômaco, que dizer o que é bom não é uma preocupação da moral, mas esse dever é do investigador ético.

Na filosofia atual requer-se uma explicação para como um homem injusto pode ser um homem mau ou uma ação injusta, uma ação má; oferecer tal explicação pertence à ética, mas não se poderá sequer começar a fazê-lo até que estejamos equipados com uma filosofia coerente da psicologia, pois a prova que um homem injusto é um homem mau requereria uma caracterização positiva da justiça como uma "virtude". Essa parte do objetivo da ética, no entanto, nos estará vedada até que tenhamos uma caracterização de que tipo de característica é uma virtude - problema não da ética, mas da análise conceitual - e de como ela se relaciona com as ações em que é instanciada - problema, julgo, que Aristóteles não teve sucesso em realmente aclarar. Para tanto, precisamos de uma caracterização pelo menos do que é uma ação humana e de como sua descrição em termos de "fazer tal coisa" é afetada por sua motivação e pela intenção ou intenções nela, para o que se exige uma caracterização de tais conceitos (ZINGANO, 2010, p. 23)

Portanto, Aristóteles não se preocupa com as questões que o homem deve fazer para que as nossas ações sejam boas, mas ele busca definir o que é o bem. Como já mencionamos acima

⁸ Para cada indivíduo da sociedade, existe uma variação quando falamos do que é o bem, mas para o estagirita, o bem é a felicidade, enquanto para outros pode ser o dinheiro, ser honrado, ter poder e posses, etc. A partir da investigação da relação da moral com a liberdade e o determinismo, surge um grande campo de estudos para a filosofia contemporânea, que a denominamos de metaética, esse campo de estudos, concentra-se em estudar a natureza a função e a justificação dos juízos morais. A ética nunca ocupou relativamente as margens da moral, e também não tem uma forma determinada pela moral, ou seja, a ética é uma teoria, de investigação ou explicação, de um tipo de experiência humana, ou a forma de comportamento humano. A ética é uma descrição, e traz uma explicação daquilo, que foi ou é, ou seja, a ética tem a missão de esclarecer, porque determinados indivíduos, recorrem a práticas morais diferentes ou opostas, levando a compreensão real do comportamento humano. Quando falamos de moral estamos falando de costume, já a ética significa caráter portanto estamos falando de costume e caráter, sendo assim, elas são uma disposição natural, porque são conquistadas através do hábito, desta forma Vásquez, descreva “[...] por conseguinte, o comportamento moral não é a manifestação de uma natureza humana eterna imutável, dada de uma vez para sempre, mas de uma natureza que está sujeita ao processo de transformação que constitui precisamente a história da humanidade (VÁSQUEZ, 2008, p.28).

a questão prática fica a critério de cada indivíduo, tendo ele autonomia de definir qual caminho deverá seguir, ou seja, ser um indivíduo ético ou antiético⁹.

Vale ressaltar que a ética, segundo Aristóteles, não é a mãe da moral, pois a moral estabelece alguns princípios e a ética não estabelece em certas comunidades ou sociedades, ou seja, a ética é a teoria ou ciência do comportamento, ela é a ciência de uma forma específica de comportamento. Devido a esses fatores a ética, não poderá ser a criadora da moral, pois é impossível reduzir a ética em um conjunto de normas, mas ela tem a função de explicar a moral.

Para Aristóteles o homem possui dois lados, um podemos determinar como a parte animal do ser humano, e o outro lado é deus, desta forma se o homem fosse animal não necessitaria de ética, pois seria levado e guiado pelas suas afecções, não sendo necessário a ética. Por outro lado, se o homem for um deus, o bem não é um problema, somente o fato de viver já seria bom, pois deus, não necessita de pessoas e de coisas, tão pouco precisaria de comunidade para alcançar a completude “[...] mas aquele que for incapaz de viver em sociedade, ou que não tiver necessidade disso por ser autossuficiente, será uma besta ou um deus, não uma parte do Estado”(ARISTÓTELES, 2004, p. 147).

Na narrativa aristotélica, encontramos por várias vezes a descrição de que o homem é um animal político, desta forma, a sua natureza é o de viver em sociedade, precisando manter relações com os outros cidadãos da *polis*. Desta maneira se um homem porventura decidir viver isolado, segundo o estagirita, só existe uma razão, ou seja, esse homem não tem consciência da necessidade de viver em comunidade, ou é um deus, no sentido de exilar e não necessitando do auxílio de nada e de ninguém. Entretanto é vivendo em sociedade que o homem se realiza

⁹ Há 25 séculos, desde Sócrates, Platão, Aristóteles, se discute ética. Em nossas relações cotidianas estamos sempre diante de problemas do tipo: Devo sempre dizer a verdade ou existem ocasiões em que posso mentir? Será que é correto tomar tal atitude? Devo ajudar um amigo em perigo, mesmo correndo risco de vida? Existe alguma ocasião em que seria correto atravessar um sinal de trânsito vermelho? MORAL, em suma, é a ética aplicada. Ou seja, A moral pode então ser entendida como o conjunto das práticas cristalizadas pelos costumes e convenções histórico-sociais. A ética seria então uma espécie de teoria sobre a prática moral, uma reflexão teórica que analisa e critica os fundamentos e princípios que regem um determinado sistema moral. Assim, dizem os dicionários de filosofia, a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano.” Assim, Os problemas éticos, ao contrário dos prático-morais são caracterizados pela sua generalidade: vida, liberdade, etc. Revista Sónoticias, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://www.sonoticias.com.br/opiniaio/etica-profissional-o-desafio-uma-sociedade-aetica/> > Acesso em 30 Out. 2021.

enquanto indivíduo, pois é através desse contato com a sociedade que ele terá a oportunidade de exercitar seu caráter e assim conquistar as virtudes.

Os atos corajosos e justos, bem como outros atos virtuosos, nós os praticamos em relação uns aos outros, observando nossos respectivos deveres no tocante a contratos, serviços e toda sorte de ações, bem assim como as paixões; e todas essas coisas parecem ser tipicamente humanas (ARISTÓTELES, EN X 1178a11, 1973, p. 430).

Conforme Aristóteles, nenhum homem nasce pronto, é necessário passar pelo processo de construção do seu caráter, essa construção será fundamental para definir para qual caminho esse indivíduo seguirá, se terá uma vida de virtude¹⁰ ou de vícios¹¹. Também é importante salientar, que o homem ao nascer nada trará ao mundo, aliás, Aristóteles afirma que as crianças ao nascer não amam seus pais, mas aprendem a desenvolver o amor pelos pais no decorrer da vida “[...] e finalmente (3), o tempo decorrido contribui para o mesmo resultado: os pais amam os filhos desde que estes nascem, mas os filhos começam a amar os pais só depois de algum tempo, quando adquirem entendimento ou poder de discriminação pelos sentidos” (ARISTÓTELES, EN VIII 1161b25, 1973, p. 392).

Uma vida prática faz com que o homem adquira virtudes, conforme destaca o estagirita:

¹⁰ Do latim, *vir*, virtus. A noção exprime em primeiro lugar o poder e mais geralmente a força de vontade (Alain observa que não existe virtude fraca). A virtude designa igualmente e por extensão, a eficácia ou aptidão real para agir que pertence propriamente a um objeto: a virtude de um medicamento, por exemplo. A virtude moral é uma disposição adquirida ou inata habitual para realizar o bem, segundo Aristóteles. Inimiga do excesso prejudicial ela situa-se no meio-termo. Dicionário de filosofia, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/> > Acesso em 30 Out. 2021.

¹¹ Termo contrário à virtude, o vício é definido como um hábito ou uma disposição irracional, significando o defeito ou imperfeição grave que acomete as pessoas ou as coisas. Na acepção filosófica, ele constitui a falta ou deficiência de alguma característica que um objeto qualquer deveria ter segundo a regra ou a norma que lhe diga respeito. “Temos diante dos olhos os vícios alheios; os nossos estão atrás”, alertava o filósofo romano Sêneca, no primeiro século da era cristã. Em suas *Reflexões*, escritas no século XVII, o escritor francês La Rochefoucauld defende a ideia de que o que nos impede de nos entregarmos a um único vício é somente o fato de cultivarmos vários deles. Entre nós, Machado de Assis acentuou ainda mais a ironia, fazendo Brás Cubas afirmar em suas memórias que “o vício é muitas vezes o estreme da virtude”. Sesc, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://www.sescsp.org.br/online/edicoes-sesc/convidar-modal.action?id=31> > Acesso em 30 Out. 2021.

Com as virtudes dá-se exatamente o oposto: adquirimo-las pelo exercício, como também sucede com as artes. Com efeito, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo; por exemplo, os homens tornam-se arquitetos construindo e tocadores de lira tangendo esse instrumento. Da mesma forma, tornamos justos praticando atos justos, e assim com a temperança, a bravura, etc (ARISTÓTELES, EN II 1103a36, 1973, p. 267).

Deste modo, é possível fazer aquilo que praticamos cotidianamente torna-se em um hábito, desta forma tornamos mestres e faremos com excelência, pois não podemos aprender a ser virtuosos, sem a prática e o hábito e só é possível afirmar que alguém é virtuoso através da prática. Logo, a moral praticada pelos indivíduos representa um exercício constante, em que tais indivíduos têm seu caráter moldado por essa disposição moral, sendo capacitado a fazer o bem “[...] dizemos que alguém é disciplinado, generoso ou sincero quando observamos que pratica as respectivas virtudes vezes sucessivas”. (ZINGANO, 2010, p. 214). Tendo em vista que através da prática, nos tornamos mestres naquilo que fizemos, ou praticamos, é necessário que a virtude também esteja presente na vida de cada cidadão que almeja viver virtuosamente.

Aristóteles também descreve que quando o homem tem o hábito de praticar ações na comunidade, através destas ações podemos conhecer quais são as virtudes que esse indivíduo produzirá. A vida prática de virtudes, é importante para conhecer quais são as disposições de cada indivíduo, pois é através desta vida prática que conhecemos se realmente tal indivíduo é virtuoso, ou se está praticando um ato moral isolado.

Ainda mais: é das mesmas causas e pelos mesmos meios que se gera e se destrói toda virtude, assim como toda arte: de tocar a lira surgem os bons e os maus músicos, Isso também vale para os arquitetos e os demais; construindo bem, tornam-se bons arquitetos; construindo mal, maus. Se não fosse assim não haveria necessidade de mestres, e todos os homens teriam nascido bons ou maus em seu ofício (ARISTÓTELES, EN II 1103b11, 1973, p. 267).

Como verificamos na citação acima, só é possível conhecer as virtudes de uma pessoa quando ela as coloca em prática através do hábito, desta forma o agir torna-se muito mais

importante que o conhecimento intelectual. Isso significa que não tem nenhuma importância se uma pessoa sabe fazer determinada atividade, o que realmente importa e está sobre avaliação, se essa atividade será boa ou má. Da mesma forma, destacamos as virtudes e o vício, diante de uma situação temos duas formas de agir, como covardes ou corajosos. Quando algumas pessoas estão em um estado de raiva, tais pessoas conseguem ter temperança e ser agradável, já outras pessoas são irracional no modo de agir “[...] para Aristóteles, as virtudes práticas morais ou éticas, que distingue das teóricas ou dianoéticas, são a prudência, a justiça, a fortaleza, a temperança, a liberdade, a amizade etc.”. (ZINGANO, 2010, p. 215).

Torna-se importante que o homem conheça as propriedades da ação ética, e as coloque em prática em sua maneira de agir, através das ações do cotidiano para desta forma alcançar o que se deseja, a excelência. Através das pesquisas e leituras realizadas e pela narrativa de Aristóteles, somente é possível conhecer o caráter de uma pessoa, quando a mesma está em situação que possa testá-la, e aquilo que a pessoa escolher, será fundamental para determinar as disposições permanentes do caráter, que será o próximo tópico deste trabalho.

2.1 O CARÁTER

Quando nos debruçamos sobre a obra de Aristóteles, encontramos um dos principais e mais discutidos assunto da ética Aristotélica, elemento fundamental para a realização de um caráter virtuoso, que é o meio termo (*mesótês*¹²).

¹² Mesotes é um termo da filosofia antiga introduzida por Aristóteles na ética. De acordo com Aristóteles, ele descreve a posição de uma virtude entre dois vícios opostos, o "excesso" e a "deficiência". Um exemplo é a virtude "ἀνδρεία". Quem tem o ἀνδρεία é ἀνδρείος e é chamado de "ὁ ἀνδρείος". O ἀνδρεία está como mesote entre "temeraria" e "covardia". Este centro, no entanto, não é um ponto médio aritmético, que é claramente determinado por dois vícios recíprocos, mas é entendido como uma possibilidade ética de ação que leva em consideração as peculiaridades das pessoas. Este centro é subjetivo e dependente da situação determinado pelo motivo do indivíduo e pode ser distinguido entre duas pessoas. Dicionário de filosofia , 30. Out, 2021. Disponível em < <https://educalingo.com/pt/dic-de/mesotes> > Acesso em 30 Out. 2021.

Comecemos, pois, por frisar que está na natureza dessas coisas o serem destruídas pela falta e pelo excesso, como se observa no referente á força e á saúde (pois, a fim de obter alguma luz sobre coisas imperceptíveis, devemos recorrer á evidencia das coisas sensíveis). Tanto a deficiência como o excesso de exercício destroem a força; e, da mesma forma, o alimento ou a bebida que ultrapassem determinados limites, tanto para mais como para menos, destroem a saúde ao passo que, sendo tomados nas devidas proporções, a produzem, aumentam e preservam (ARISTÓTELES, EN II 1104a15, 1973, p. 268).

O estagirita nos aconselha a viver entre o meio termo¹³, ou seja, entre o excesso e a deficiência, desta forma, temos os exercícios físicos, pois se praticado de forma abusiva pode ser prejudicial e a não realização de exercícios físicos também poderá causar prejuízos para a saúde. Em relação a riqueza, temos a generosidade e liberalidade que são o meio termo em relação a riqueza, por outro lado temos o esbanjamento¹⁴ e a avareza¹⁵, que são disposições do excesso e falta.

Desta forma percebe-se a utilidade da virtude, pois ela evitará o excesso e deficiência, sendo assim, a virtude torna-se uma boa disposição, pois ela evitará duas falhas, o excesso e a deficiência. São duas situações recorrentes na vida do homem, que é falhar em ser correto ou ser bom. A tese do estagirita, é que as atividades realizadas em excesso ou a falta delas, não produzirão disposições virtuosas. Por isso, ele aconselha a seguir o meio termo para evitar a escolha errada, pois para ele é a forma mais justa de manter o equilíbrio diante das situações enfrentadas pelo homem. Desta maneira o meio termo é um caminho perfeito, pois quando temos algo bom, não necessita de reparos ou ser tirado. Viver uma vida sobre o meio termo, significa estar no caminho para a ética, e desta forma é possível atingir a excelência, por isso

¹³ Portanto, o meio termo representa o aspecto de retidão, exatidão ou bondade na definição das virtudes éticas. Não supõe um procedimento ou método de decisão para determinar o correto curso de ação, nem pressupõe uma doutrina metafísica antecedente ou uma técnica terapêutica (ZINGANO, 2010, p. 413).

¹⁴ Gastar grande quantidade de dinheiro; consumir de modo excessivo; dissipar: esbanjava dinheiro em coisas desnecessárias. Dicionário online, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/esbanjado/> > Acesso em 30 Out. 2021.

¹⁵ Particularidade ou característica da pessoa avarenta; apego extremo ao dinheiro; cuja preocupação maior é juntar dinheiro. Dicionário online, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/avareza/> > Acesso em 30 Out. 2021.

escolher o meio termo é imprescindível, pois quando assim procede o homem ele evitará os vícios, que ficam nas extremidades e que impedirão o homem de viver uma vida¹⁶ ética.

Aristóteles trata de questões que estão sobre os nossos controles, ou seja, das questões que podem tornar o homem justo ou injusto¹⁷.

Ora nas disposições que tomamos sobre todos os assuntos, as leis têm em mira a vantagem comum, quer de todos, quer dos melhores ou daqueles que detêm o poder ou algo nesse gênero; de modo que, em certo sentido, chamamos justos aqueles atos que tendem a produzir e a preservar, para a sociedade política, a felicidade e os elementos que a compõem. (ARISTÓTELES, EN V 1129b18, 1973, p. 322).

Quanto a deliberação, só podemos deliberar sobre aquelas coisas que nos dizem respeito, ou que dependem de nós conforme descreve Aristóteles:

Deliberamos sobre as coisas que estão ao nosso alcance e podem ser realizadas; e essas são; efetivamente, as que restam. Porque como causas admitimos a natureza, a necessidade, o acaso, e também a razão e tudo que depende do homem. Ora, cada classe de homem delibera sobre as coisas que podem ser realizadas pelos seus esforços. E no caso das ciências exatas e autossuficientes não há deliberação, como, por exemplo, a respeito das letras do alfabeto (pois não temos dúvidas quanto a maneira de escrevê-las); ao contrário as coisas que são realizadas pelos nossos esforços, mas nem sempre do mesmo modo, essas são objetos de deliberação: os problemas de tratamento médico e de comércio, por exemplo (ARISTÓTELES, EN III 1112a31, 1973, p. 285).

¹⁶ Quando um indivíduo encontra-se sobre o efeito de entorpecentes, ou seja, está sobre o domínio de drogas ou bebidas de álcool, ele está agindo de forma inconsciente, porém ele mesmo se colocou nesta situação, pois ele tinha a opção de não utilizar tais entorpecentes, desta forma ele é o responsável pelas suas ações injustas.

¹⁷ Isto é uma questão meramente conceitual: no âmbito do que é contínuo e divisível, 'ser bom' ou 'ser correto' significa que nem é muito, nem muito pouco; de sorte que é preciso que seja em algum lugar entre eles. Portanto, podemos afirmar que a doutrina do meio termo é introduzida para explicar em que consiste a virtude ser boa ou correta disposição (ZINGANO, 2010, p. 412).

Porém, resta dúvida sobre o que é possível deliberar e no sentido da filosofia de Aristóteles não é possível deliberar sobre o que está em movimento e o que é eterno. Não podemos deliberar sobre por exemplo o nascer do sol, a rotação da terra, ou sobre as chuvas e também sobre os acontecimentos casual, ou ainda ao encontrar um amigo na rua. Portanto, é possível definir que cada indivíduo da sociedade deliberará sobre suas próprias decisões, sendo impossível realizar escolhas no lugar de outra pessoa.

Quanto a deliberação, é importante ressaltar que não podemos deliberar sobre o fim, mas sobre o meio de alcançá-los. Por isso é possível classificar o processo de deliberação em 4 etapas, em primeiro lugar possuir um fim em vista, em segundo lugar pensar nos meios fáceis de conseguir o que deseja, em terceiro lugar deliberar e após deliberar e tomar a decisão o homem parte para a execução. Sendo assim podemos verificar que toda ação começa com uma decisão deliberada, que é a motivação e não propriamente o fim que se deseja. Desta maneira, o princípio da decisão é a intenção sobre o fim desejado e os meios de alcançá-los através da deliberação. Não é possível ter uma decisão ética sem que haja uma disposição de caráter, ou seja, é impossível alguém agir bem sem a disposição da ética. E o centro de ação vai ser sempre o homem, pois ele é o portador de suas decisões.

Ora o exercício da virtude diz respeito aos meios. Por conseguinte, a virtude também está em nosso poder, do mesmo modo que o vício, pois quando depende de nós o agir, também depende o não agir, e vice-versa; de modo que quando temos o poder de agir quando isso é nobre, também temos de não agir quando é vil, e se está em nosso poder o não agir quando isso é nobre, também está o agir quando isso é vil. Logo, depende de nós praticar atos nobres ou vis, e se é isso que se entende por ser bom ou mau, então depende de nós sermos virtuosos ou viciosos (ARISTÓTELES, EN III 1113b7, 1973, p. 287).

Durante a trajetória do homem, ele ficará diante de escolhas (*prohairesis*¹⁸) dependendo da escolha que o homem fizer, será refém das paixões ou seguirá a excelência do caráter. Para

¹⁸ Aristóteles aponta a real importância da *prohairesis*, que, como escolha intencional, dá um peso próprio à ação escolhida.

Aristóteles o homem que dedicar-se a buscar a excelência do caráter será uma vida feliz “[...] e é suficiente que tenhamos o necessário para isso, pois a vida do homem que age de acordo com a virtude será feliz”. (ARISTÓTELES, EN X 1179a9, 1973, p. 431).

Sobre o homem está a capacidade de decidir e agir virtuosamente ou agir errado, sobre o homem está essa capacidade de decidir, porém ele será responsável pelas suas ações e escolhas. Por isso, se o homem agir de forma virtuosa ele será feliz, pois a base para a felicidade está relacionada com suas escolhas e ações. Também existem aqueles indivíduos, que praticam ações justas mas não são justas, praticam essas ações e vivem como pessoas justas. Porém isso não é uma disposição deste indivíduo, entretanto essas ações são meramente protocolar, ou seja, só o faz para cumprir a lei ou estão fazendo involuntariamente, contudo tal ação não provem dos princípios da razão.

Ora alguns pensam que nos tornamos bons por natureza, outros pelo hábito e outros ainda pelo ensino. A contribuição da natureza evidentemente não depende de nós, mas, em resultados de certas causas divinas, está presente naqueles que são verdadeiramente afortunados. Quanto a argumentação e ao ensino, suspeitamos de que não tenham uma influência poderosa em todos os homens, mas é preciso cultivar primeiro a alma do estudioso por meio de hábitos, tornando-a capaz de nobres alegrias e nobres aversões, como se prepara a terra que deve nutrir a semente (ARISTÓTELES, EN X 1179b20, 1973, p. 432).

Alguns filósofos pensam que o homem torna-se do bem, através da aprendizagem ou através da educação, outros pensam que homens de bem são assim por disposição natural, por outro lado tem quem alimente a tese que o hábito torna as pessoas boas “[...] o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz”.(ROUSSEAU, 2004, p. 15). Se uma pessoa nasce com essa disposição natural para o bem, torna-se impossível alguém escolher tal disposição, pois isso seria uma dádiva divina, conforme descreve Aristóteles. Torna-se uma missão árdua tentar convencer alguém a torna-se uma pessoa do bem através do ensino. Pois, tal pessoa tem que estar disposta a ouvir e entender e

colocar em prática tal ensinamento. Entretanto, a educação é uma das vias possíveis para formar um indivíduo do bem.

Analisando as argumentações do filósofo, percebe-se que a única forma de uma pessoa torna-se boa é tendo o hábito, através do hábito adquire-se uma boa disposição. Para tanto, o hábito deve estar presente na vida do homem desde o seu nascimento, de certa forma somos “adestrados” desde o berço, e seremos aquilo que aprendemos com as pessoas que nos educam. Por isso a importância da alma do homem estar preparada por meio do hábito. Aqueles homens que tendem a viver uma vida de paixões, de modo que são guiados pelas vontades e são incomunicáveis, não escutam conselhos de ninguém, e mesmo que escutassem não poderiam entender. Tais pessoas não entenderão porque não tem familiaridade com a virtude, por isso não poderão acolher ensinamentos éticos.

Para Aristóteles as paixões são a causa de muitos desvios de conduta, conforme descreve em sua obra, pois o homem em sua maioria prefere uma vida de prazer, ao passo que abandona as coisas que lhe causarem algum tipo de sofrimento, ou dor.

Ora, é justamente essa a condição dos que agem sob a influência das paixões; pois é evidente que as explosões de cólera, de apetite sexual e outras paixões que tais alteram materialmente a condição do corpo, e em alguns homens chegam a produzir acessos de loucura. Claro está, que dois incontinentes se pode dizer que se encontraram num estado semelhante aos dos adormecidos, loucos ou embriagados (ARISTÓTELES, EN VII 1147a15, 1973, p. 362).

Porém se o homem ter o hábito de praticar a ética, verá que não é doloroso ter hábito éticos mas será um homem feliz. Muitos homens, buscam fugir das suas obrigações e até mesmo das aflições da vida, através da busca do prazer e no próximo item abordaremos essa temática de acordo com a *Ética a Nicômacos*.

2.2 A FUGA DO SOFRIMENTO, ATRAVÉS DA BUSCA DO PRAZER

Em dias cada vez mais agitados, nos deparamos com pessoas correndo atrás de uma vida de prazer, também encontramos quem diga que já perdeu o prazer de viver, outros estão entediado da vida e resolvem mudar a trajetória de suas vidas. Para melhor elucidar essa questão, neste presente trabalho abordaremos essa temática com base na obra *Ética a Nicômacos* de Aristóteles. Conforme descreve Aristóteles o prazer possui relação com a natureza humana e segue o homem no decorrer de sua vida tendo o prazer como grande influência sobre a virtude e a vida feliz. Entorno do prazer está o hábito ético, porque os homens escolhem o que é prazeroso e fogem do que traz sofrimento.

Devemos tomar como sinais indicativos do caráter o prazer ou a dor que acompanham os atos; porque o homem que se abstém de prazeres corporais e se deleita nessa própria abstenção é temperante, enquanto o que se aborrece com ela é intemperante; e quem arrosta coisas terríveis e sente prazer em fazê-lo, ou, pelo menos, não sofre com isso, é bravo, enquanto o homem que sofre é covarde. Com efeito, a excelência moral relaciona-se com prazeres e dores; é por causa do prazer que praticamos más ações, e por causa da dor que nos abtemos de ações nobres (ARISTÓTELES, EN X 1179b20, 1973, p. 432).

Se eventualmente sairmos pelas ruas da cidade perguntando quem prefere a dor, ao prazer, provavelmente ninguém responderá que prefere a dor, pois o ser humano sempre buscará em sua vida a felicidade e a felicidade sempre está relacionada com algo bom e prazeroso “[...] esta tese se funda no fato psicológico de que os homens desejam o prazer como fim, fato que pode ser aceito se se interpreta no sentido de que os homens preferem o prazer ao desprezar a dor”. (VÁSQUEZ, 2008, p.161). Essa é a característica do ser humano, prefere sempre as coisas mais fáceis e prontas, pois todos nós tendemos para o prazer. Porém quando falamos de dor, nós nunca a escolheremos, pois ela é um objeto indesejado por todos, mas o prazer é desejo de todos. Contudo o prazer não pode ser o objeto mais desejado, pois ele é um “gênesis”, ou seja,

ele precisa ser somando a algum outro bem, sozinho ele não se completa. O prazer é um processo direcional, ou seja, ele guiará o ser humano para um fim.

Podemos exemplificar o prazer como a geração de algo e o sofrimento como a destruição desse algo. Desta forma, podemos caracterizar o prazer como o preenchimento daquilo que temos faltas, e o sofrimento pode ser caracterizado pela falta de alguma coisa que precisamos, desta maneira, só o nosso corpo poderá determinar se estamos preenchidos ou não. Quando alguém sente falta do alimento, essa ausência de se alimentar é revelada através da fome, quando se alimenta o faminto sente prazer em se satisfazer com a alimentação. Existe uma grande variedade de prazeres, entre eles podemos destacar, aqueles que nos causam grande prazer momentâneo, mas que ao mesmo tempo pode trazer grande perturbação e incomodo. Cito o exemplo da diabetes, problema esse enfrentado por um familiar meu, uma das fontes geradoras da diabete é o doce e o consumo exagerado de açucars. Porém durante a degustação do doce o paladar se alegra, porém com o passar dos dias aparecem os problemas desta ação que no momento do ato é prazeroso, mas se transforma em tristeza e dor. Porém existe também o prazer que faz bem, que é a disposição para aprender. Como verificamos, nem todo o tipo de prazer é o bem mais desejado, sendo assim, nem todos os prazeres nós desejamos, pois trará a dor.

Por esta razão, merece mais o qualificativo de intemperante o homem que, sem apetite ou com escasso apetite, busca os excessos de prazer e evita dores moderadas, do que o homem que faz o mesmo levado por apetites poderosos: pois o que faria o primeiro se os seus apetites fossem dessa sorte e se a falta dos objetos “necessários” o fizesse sofrer violentamente? (ARISTÓTELES, EN VII 1148a19, 1973, p. 362).

A recomendação do estagirita, é para que saibamos evitar o excesso do prazer, e que possamos ter uma vida equilibrada e moderada, evitando os excessos que a maioria dos homens não consegue evitar:

Ora, tanto os brutos como as crianças buscam prazeres da segunda espécie (e o homem de sabedoria prática busca uma tranquilidade isenção dos prazeres dessa espécie): referimos-nos aos que implicam apetite e dor; isto é, os prazeres corporais (pois este é que são de tal natureza), e aos excessos dos mesmos, em virtude dos quais se diz que um homem é intemperante. Eis aí por que o homem temperante evita esses prazeres; porquanto ele também tem os seus prazeres próprios (ARISTÓTELES, EN VII 1153a30, 1973, p. 373).

Portanto, deve ser seguido a justa medida, e algumas espécies de prazeres corporais devem ser evitadas, pois o homem que possui a sabedoria prática assim o fará. O que realmente o filósofo tenta explicitar é o limite das ações humanas, até que ponto e aonde podemos ir. Quando um indivíduo é dominado pelos prazeres, e paixões, torna-se, uma ambulante no mundo não consegue realizar ações éticas, pois tudo que ele tem em mente é o prazer. Por isso o estagirita, traz alguns elementos cruciais para a vida na *polis*, para o filósofo a vida tem que possuir uma regra de conduta.

O ser humano em sua maioria, tende a ter alguma inclinação, ou atividade que gere prazer, por exemplo, tem pessoas que tem o hábito de praticar o futebol e isso lhes gera prazer, porém o que está em jogo, é o limite que esse indivíduo poderá deixar ser guiado por esse prazer. Para que essa prática realmente seja proveitosa, esse indivíduo deverá saber o meio termo, pois se praticar essa atividade em excesso, poderá gerar dor. Sobretudo, é impossível universalizar um tipo de prazer, para todos os habitantes do mundo, pois alguns gostam e sentem prazer praticando esportes, outros estudando matemática, desta forma o ideal é que essas atividades sejam realizadas com mais afinidade, para buscar a felicidade.

Pensa-se que cada animal tem um prazer próprio, assim como tem uma função própria, a saber, o que corresponde à sua atividade. Isto se torna evidente quando observamos as espécies uma por uma. Cão, cavalo e homem têm prazeres diferentes e, como diz Heráclito, “os asnos prefeririam as varreduras ao ouro; porque o alimento é mais agradável do que o ouro para eles (HERÁCLITO apud ARISTÓTELES, EN X 1176a5, 1973, p. 426).

Independentemente da situação que o homem bom esteja, ele sempre agirá certo, por tendência do prazer, já o "homem mau", agirá mal. É através de atos justos que se geram homens justos e através de atos temperantes, homens temperantes. Conforme já mencionamos anteriormente, viver somente na teoria é inútil, o que realmente conta é a vida prática, pois é impossível alguém ficar curado somente ouvindo a prescrição médica. Da mesma forma, que ninguém se torna sábio cursado o curso de filosofia.

O mais correto a ser seguido é viver sobre o critério dos limites, ou seja, estabelecer limites em nossas ações, pois o caminho mais correto é a justa medida e viver uma vida virtuosa. Para Aristóteles, é impossível vivermos uma vida sem o prazer, mas o que Aristóteles descreve é que devemos ter uma forma correta de usá-lo. Se vivermos uma vida sem vibração, sem prazer, com certeza teremos problemas futuros, pois o prazer torna a vida mais colorida e feliz. Visando que todas as nossas ações são voltadas para o prazer, ninguém adquire ou compra algo pensando em ser infeliz, pensamos em usufruir do objeto adquirido. Vale ressaltar que a dor, ou sofrimento, acontece devido aos infortúnios da vida, essa relação de prazer e sofrimento, ocorrem em algum momento de nossas vidas.

2.3 O ANTAGONISMO ACERCA DA VIRTUDE

Neste tópico abordarei a virtude, que é um dos temas principais da obra de Aristóteles, ou seja, a *aretê* (virtude) que significa excelência, a virtude é uma capacidade do indivíduo, que adquire a longo da vida, pois ninguém nasce virtuoso, mas aprende a praticar ações virtuosas.

Sendo, pois, de duas espécies a virtude, intelectual e moral, a primeira, por via de regra, gera-se e cresce graças ao ensino – por isso requer experiência e tempo: enquanto a virtude moral é adquirida em resultado do hábito, donde ter-se formado o seu nome por uma pequena modificação da palavra (hábito). Por tudo isso, evidencia-se também que nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza; com efeito,

nada do que existe naturalmente pode formar um hábito contrário à sua natureza (ARISTÓTELES, EN II 1103a15, 1973, p. 268).

Para o estagirita, é muito difícil uma pessoa ser virtuosa, pois é necessário levar uma vida temperante. E a vida temperante é um processo demorado, que aprendemos a ter ao longo da vida essa disposição. Em dias de basante agitação em que a humanidade é levada a viver sobre o limite, seja emocional ou físico, torna-se muito difícil manter o equilíbrio emocional. Mas quando falamos do saber agir com equilíbrio, esse processo ocorrerá ao longo da vida, e o homem aprenderá a manter o equilíbrio e agir virtuosamente. Aristóteles faz uma divisão das virtudes, conforme lemos:

A virtude também se divide em espécies de acordo com esta diferença, por quanto dizemos que algumas virtudes são intelectuais e outras morais; entre as primeiras temos a sabedoria filosófica, a compreensão, a sabedoria prática; e entre as segundas, por exemplo, a liberalidade e a temperança. Com efeito, ao falar do caráter de um homem não dizemos que ele é sábio ou que possui entendimento, mas que é calmo ou temperante. No entanto, louvamos também o sábio, referindo-nos ao hábito; e aos hábitos dignos de louvor chamamos virtudes (ARISTÓTELES, EN I 1103A5-10, 1973, p. 264).

Entre as classes mais difíceis de viver uma vida virtuosa encontra-se os jovens. Para que exista a possibilidade de um jovem viver uma vida temperante, torna-se necessário educá-lo desde criança, para que quando se torna adulto, viva a vida com temperança. Mas antes de ensinar a virtude é importante conhecê-la, pois desta forma o educador saberá como agir virtuosamente. Com as virtudes dá-se exatamente o oposto: adquirimo-las pelo exercício, como também sucede com as artes.

Com efeito, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo; por exemplo, os homens tornam-se arquitetos construindo e tocadores de lira tocando esse instrumento. Da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos

justos, e assim com a temperança, e bravura, etc (ARISTÓTELES, EN II 1103a30, 1973, p. 267).

Na obra de Aristóteles, existe uma discussão muito importante sobre a educação dos filhos, se a educação deveria ser propriamente responsabilidade da família, ou a criança deve ser ensinada pela sociedade. Torna-se muito importante o estudo da *Ética a Nicômacos*, pois ela fornece esse tema muito importante para o mundo moderno, entretanto nos dias atuais a educação está com bastante dificuldades, em determinar até aonde é o dever da escola instruir os alunos, como lemos:

E as coisas que tendem a produzir a virtude considerada como um todo são aqueles atos prescritos pela lei tendo em vista a educação para o bem comum. Mas no que tange à educação do indivíduo como tal, educação essa que torna um homem bom em si, fica para ser determinado posteriormente, se isso compete à arte política ou a alguma outra; pois talvez não haja identidade entre ser um homem bom e ser um bom cidadão de qualquer Estado escolhido ao caso (ARISTÓTELES, EN II 1103a15, 1973, p. 268).

Diante destes apontamentos, a família ou os responsáveis têm uma responsabilidade, de preparar o caminho para que o jovem esteja preparado, pois é através de bons exemplos que a família contribuirá para a formação de um cidadão virtuoso. Esse adolescente deverá experimentar as ações práticas e através de suas ações descobrir que essas ações são verdadeiras, somente por si própria, desta forma a contribuição será significativa, esse juízo fará parte da natureza o que trará confiança no ensino.

Portanto, a felicidade é uma atividade derivada de uma virtude perfeita, por isso é importante conhecer a natureza da virtude, desta forma é possível compreender a natureza da felicidade. A política torna-se primordial pois auxiliará e nos trará os elementos que caracteriza a virtude que nos remete a felicidade. Para Aristóteles:

A resposta à pergunta que estamos fazendo é também evidente pela definição da felicidade, porquanto dissemos que ela é uma atividade virtuosa da alma, de certa espécie. Dos demais bens, alguns devem necessariamente estar presentes como condições prévias da felicidade, e outros são naturalmente cooperantes e úteis como instrumentos (ARISTÓTELES, EN I 1099b25, 1973, p. 259).

Conforme Aristóteles, a felicidade depende da virtude, porém para chegarmos a vida de virtude é importante salientar que existe a importância em conhecer as características da virtude, ou seja, como possuir e ser virtuoso.

Contudo, a virtude moral não pode ser gerada em nós por natureza, para poder alcançar a virtude moral é necessário o hábito, desta forma o homem poderá realizar boas ações. Destacamos que o homem, torna-se um ser moral porque é político e a inclinação da natureza humana, leva-o a ser político. Só é possível adquirir virtudes através de uma adaptação do caráter “[...] não é, pois, por natureza, nem contrariando a natureza que as virtudes se geram em nós. Diga-se, antes, que somos adaptados por natureza a recebê-las e nos tornamos perfeitos”. (ARISTÓTELES, EN II 1103a24, 1973, p. 267).

Salientamos que toda virtude é formada e destruídas pelas mesmas causas, e pelos mesmos meios, por isso é imprescindível praticar, pois agindo assim estaremos nos moldando e através do agir correto, ou seja, dependendo como agimos somos definidos como bons ou maus. Mais importante que o conhecimento das virtudes é termos uma vida de hábitos virtuosos, tais práticas nos moldam, sendo assim é muito importante atentarmos ao que fizemos e como fazemos. Também é importante ter a compreensão e o que acontece com a temperança, com a coragem e demais virtudes, estas virtudes necessitam da mediania, para evitar a destruição delas, pelo excesso ou pela falta.

Logo, torna-se crucial para o homem que deseja ter uma vida regida pelas virtudes, que sua vida seja de equilibrar as forças e ter controle dos desejos, pois quem tende a viver guiado pelo desejo, se inclinará a buscar o prazer e fugirá da dor. Desta forma, a ética exerce papel importante, o de educar o homem, sendo essa uma das atribuições da ética para que o homem não tenha uma vida de vícios, e esse indivíduo colabore com a ação por meio da virtude “[...] logo, a virtude versa os afetos e ações, nos quais o excesso é erro e a falta é censurada, porém

o meio neles se enquadra com justeza, e é louvado: e estas duas condições são próprias da virtude". (ARISTÓTELES, 2015, p. 57).

A virtude encontra-se entre dois extremos, ou seja, a covardia e a coragem, licenciosidade e insensibilidade, para ajustar os dois extremos é necessário a temperança, como agente de moderação. Desta maneira, podemos caracterizar a virtude como a junção do desejo e a razão. O meio termo sempre deverá levar em conta as particularidades de cada indivíduo.

Mas o meio-termo relativamente a nós não deve ser considerado assim: se dez libra é demais para uma determinada pessoa comer e duas libras é demasiadamente pouco, não se segue daí que o treinador prescreverá seis libras; porque isso também é, talvez, demasiado para a pessoa que deve comê-lo, ou demasiadamente pouco para Milo e demasiado para o atleta principiante. O mesmo se aplica a corrida e à luta. Assim, um mestre em qualquer arte evita o excesso e a falta, buscando o meio-termo e escolhendo-o - o meio-termo não no objeto, mas relativamente a nós (ARISTÓTELES, EN II 1106a33, 1973, p. 272).

Devemos evitar o excesso e a falta, e sempre buscarmos o meio termo, ou seja, a medida justa em relação a nós mesmos. Fica explícito na obra que cada indivíduo tem suas particularidades, não sendo possível uma universalidade de medidas, pois cada indivíduo deve saber a proporção de alimentos que deve ingerir. Sobre as atividades que realizamos diariamente, também podemos definir que as mesmas são boas quando não é preciso acrescentar nada "[...] A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consiste numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática". (ARISTÓTELES, EN II 1106b37, 1973, p. 273).

Portanto é importante, que o agente saiba três pontos cruciais, para poder participar da prática de um ato virtuoso: primeiramente o agente tem que conhecer o que está fazendo, ou saber aquilo que fará, em segundo ele é o princípio da ação, isto é, ele escolhe a ação executada por si mesmo, em terceiro lugar encontra-se a excelência da ação, que é o fim, isso se dá porque ele realizará a ação, por meio da virtude, que é uma disposição permanente. Por exemplo, se eu

desejo comer uma melancia e passo em frente da fruteira, percebo que posso ter a melancia através do roubo ou da compra da mesma. Portanto, estamos deliberando entre o comprar ou roubar, e, por fim, deliberamos em comprar alcançando o desejável. Desta forma, mapeamos os seguintes passos: desejo, percepção, deliberação, escolha e por fim o ato. Esse processo ocorre pelo uso da razão, pois em primeiro lugar o agente tem conhecimento do que é o correto a ser feito, posteriormente age da forma que julga ser a correta. Por isso, podemos destacar que a virtude é uma disposição e não um desejo, é um hábito que adquirimos, esse hábito é aperfeiçoado quando o utilizamos através da razão, pois ele examina os meios determina o fim. Isso só é possível devido à capacidade racional, e evita que caiamos nos extremos.

Devemos ter um cuidado permanente, assim como podemos ser enaltecidos, também poderemos ser censurados, e isso pode ocorrer pelas virtudes que possuímos ou pelo excesso de vícios. Por isso o homem que tem a sabedoria prática, também carrega consigo a mediania pois suas ações sempre serão equilibradas. Para encontrar e viver uma vida feliz é necessário superar todas as sensações, paixões, vícios, e demais excessos, e buscar a felicidade verdadeira.

Destacam-se ainda os atos voluntários e involuntários, os mesmos dependem do momento da ação. Todo homem age voluntariamente, pois tem noção do que está realizando, porém quando ele tem que realizar uma ação forçada, a mesma é involuntária. Também temos aquelas ações que são realizadas por ignorância, porém essas ações não podem ser consideradas voluntárias, pois o agente não tem condição de deliberar sobre sua ação, não tendo consciência que sua ação está errada. Uma pessoa embriagada também poderá agir involuntariamente, ao deliberar uma ação ele agirá dentro da ignorância. Da mesma forma quando alguém ataca o seu filho, confundindo-o com um ladrão, isso seria agir sobre a ignorância. Desta forma, todas as ações que são realizadas através da ignorância, são caracterizadas como involuntárias. O voluntário, é aquele ato realizado quando o indivíduo tem noção e sabe o que está realizando, sendo responsável pelo resultado dos seus atos. Também existem aqueles indivíduos que são guiados pelo apetite¹⁹, são pessoas imaturas, pois não tem uma compreensão segura do bem, tal

¹⁹ Vontade ou desejo de comer; um dos desejos instintivos necessários para se manter a vida orgânica; apetência, fome, orexia. 2 POR EXT. Estado de espírito favorável à ação; ânimo, disposição, interesse: Um apetite insaciável pelo trabalho. 3 Desejo muito forte de ter ou conseguir alguma coisa; ambição, cobiça, sofreguidão. 4 FIG Sensualidade exagerada; propensão para a luxúria; lascívia, libidinagem, lubricidade. 5 FIG. Recreação dos

homem tem a iniciativa de realizar o bem, porém é facilmente seduzido, pelas paixões e acaba na vida de vícios.

O homem que tem o conhecimento prático e a virtude, não poderá ser ignorante, pois não terá razão para agir assim “[...]. Ora, dir-se-ia que o amor é um sentimento e a amizade é uma disposição de caráter, porque se pode sentir amor mesmo pelas coisas inanimadas, mas o amor mútuo envolve escolha, e a escolha procede de uma disposição de caráter”. (ARISTÓTELES, EN VIII 1157B30, 1973, p. 384). Conseqüentemente, quando o homem escolhe um ato, ele está agindo sobre um princípio racional, pois o homem que possui a sabedoria prática sabe deliberar corretamente, sobre o que é bom e vantajoso para si mesmo, visando sempre o objeto principal, o supremo bem. Todos temos que deliberar sobre as escolhas que fizemos e o objeto da nossa escolha, é aquilo que podemos alcançar, desta forma a escolha é um desejo que visa alcançar o supremo bem.

Para alcançar a felicidade, ou o supremo bem, que é o bem mais desejado entre os humanos, a alma torna-se fator primordial nessa busca, pois ela possui excelências e disposições éticas e disposições teóricas, é o que veremos no próximo tópico.

2.4 A FORMAÇÃO DA ALMA

A alma humana, com certeza é um dos assuntos mais discutidos nas religiões e meios filosóficos, destacamos que a alma humana possui excelências²⁰, sendo as disposições éticas e

sentidos; prazer ou desfrute dos sentidos ou da inteligência; bem-estar, deleite, regozijo. 6 Gosto ou preferência especial; predileção, propensão. 7 Paixão ou afeto desordenado. 8 FILOS. Princípio que impele um ser vivo à ação, tendo em vista a realização de um fim ou a satisfação de uma necessidade ou desejo. 9 FILOS. Na filosofia escolástica, termo com que se designa o desejo implicado em uma tendência. 10 PSICOL. Motivo ou impulso que se baseia em alterações dos estados fisiológicos e que pode ser modificado por meio da aprendizagem. Dicionário online, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/apetite> > Acesso em 30 Out. 2021.

²⁰ A virtude/excelência moral, ao contrário, surge a partir de cada ação humana, da decisão diária de praticar atos justos. Se não é praticada, o ser humano perde a disposição moral. O exemplo que Aristóteles oferece é o da prática excessiva ou ausência de exercício físico: tanto o excesso quanto a falta têm impacto no vigor da pessoa. Por isso,

as disposições teóricas, Aristóteles destaca “[...] inegavelmente, o que a visão é para o corpo a razão é para a alma, e da mesma forma em outros casos”. (ARISTÓTELES, EN I 1096b25, 1973, p. 254).

Bem como, são divididas em duas dimensões: primeiramente podemos destacar a dimensão da razão e a outra a incapacidade da razão. Da mesma maneira a razão e a alma, são divididas em duas dimensões, são eles os princípios mutáveis e os princípios imutáveis. Torna-se muito difícil o acesso a cada uma dessas partes, pois cada forma possui um gênero distinto.

Chamemos científica a uma dessas partes e calculativa à outra, pois o mesmo é deliberar e calcular, mas ninguém delibera sobre o invariável. Por conseguinte, a calculativa é uma parte da faculdade que concebe um princípio racional. Devemos assim, investigar qual seja o melhor estado de cada uma dessas duas partes, pois nele reside a virtude de cada uma (ARISTÓTELES, EN II 1106b37, 1973, p. 273).

Ao tratar das questões científicas, Aristóteles está descrevendo sobre a parte da alma que não poderá mudar. Quando ele está falando da parte da alma, sobre a possibilidade de cálculo, ele refere-se a parte da alma que pode haver mudança.

Para que possamos conceituar a virtude, é imprescindível estudar o real significado da alma, isto é, estudar a constituição da alma humana. A alma é dividida em duas partes, a racional e a irracional (sensível). Não é possível separar a parte racional e a parte irracional da alma, ambas são partes inseparáveis, necessitando uma da outra. Essa dualidade é importante, pois temos de um lado a parte racional que nós impulsionamos nas buscas das virtudes e a parte irracional, que nos leva a outro caminho, com grande resistência ao contrário. Desta forma, tendo essas dualidades bem esclarecidas, sabemos que ambas são distintas, mas inseparáveis.

Igualmente, nos raciocínios, exotéricos são ditas suficientemente algumas coisas da alma das quais devemos agora fazer uso. Por exemplo, que dela há uma parte privada

de razão e uma parte racional. Que estas, pois, sejam distintas como as partes do corpo, e como todas as coisas que se podem separar, ou então sejam duas idealmente, mas não aptas por natureza a serem divididas, assim como há na circunferência o convexo e o côncavo-presentemente não faz nenhuma diferença (ARISTÓTELES, 2015, p. 48-49).

Para que essa dualidade funcione com exatidão, o lado irracional obedece ao princípio racional, principalmente aquelas pessoas temperantes e valorosas, estes elementos constituem o seu ser. Por outro lado temos as virtudes, elas também são divididas em duas partes, ou seja, são duas espécies de virtude, sendo elas as virtudes intelectuais, e as virtudes morais²¹. As virtudes intelectuais, referem-se a função racional e intelectual do ser humano, elas são a excelência e aperfeiçoamento da alma racional, são ensinadas e precisam de tempo para desenvolver. Também temos as virtudes morais, que são classificadas como produtos naturais, ou imanentes, ninguém nasce virtuoso, mas somos direcionados e condicionados, pois temos a capacidade de sermos virtuosos, por isso é importante o hábito é através da prática que o homem será virtuoso.

Existe dois modos de virtude, as dianoéticas: que podemos classificar como a inteligência, que está relacionada com a aprendizagem, é necessária experiência e revela o bom estado da parte racional da alma. Por outro lado, também temos, as éticas não racionais, mas capaz de obedecer as ordens da razão, pois é produto do hábito, é através das virtudes éticas que a parte não racional consegue efetuar bem sua atividade. Aristóteles, de certa forma reconhece a primazia das virtudes dianoéticas²², contemplativas²³, ou seja, ela é superior as

²¹ Virtude é um conceito que remete para a conduta do ser humano, quando existe uma adaptação perfeita entre os princípios morais e a vontade humana. Há virtudes intelectuais, que são ligadas à inteligência e as virtudes morais, que são relacionadas com o bem. A virtude intelectual consiste na capacidade de aprender com o diálogo e a reflexão em busca do verdadeiro conhecimento. A virtude moral, por sua vez, é a ação ou comportamento moral, é o hábito que é considerado bom de acordo com a ética. Dicionário de filosofia, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/> > Acesso em 30 Out. 2021.

²² Referente ao pensamento lógico, racional e ético (dotado de valores morais). Termo usado por Aristóteles, importante filósofo da Grécia antiga. Segundo Aristóteles, alguns exemplos dianoéticos são: a arte, a ciência, a sabedoria, a sapiência e o intelecto. Dicionário online, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://www.dicionarioinformal.com.br/diano%C3%A9tico/> > Acesso em 30 Out. 2021.

²³ A vida contemplativa (teórica ou filosófica) é fim em si mesmo, pois não se visa os seus resultados, assemelhando-nos ao próprio Deus, pois Deus é pensamento que pensa a si mesmo, consistindo em conhecer-se a si mesmo. Essa é a vida considerada mais que humana, a suprema felicidade. Assim, o prazer intelectual é o bem

virtudes éticas ativas, a combinação do desejo e do intelecto sobre a prática e a vontade. Desta forma, a ética Aristotélica, define as virtudes dianoéticas, que são as virtudes racionais, como superiores das virtudes éticas que não são racional. Porém, uma depende da outra, pois a virtude ética depende das dianoéticas, para controlar seus impulsos, e o modo de agir. Para Aristóteles, nenhuma virtude ética pode ser constituída por natureza, pois o que deriva da natureza não poderá ser modificado:

Por exemplo, à pedra que por natureza se move para baixo não se pode imprimir o hábito de ir para cima, ainda que tentemos adestrá-la jogando-a dez mil vezes no ar; nem se pode habituar o fogo a dirigir-se para baixo, nem qualquer coisa que por natureza se comporte de certa maneira a comporta-se de outra (ARISTÓTELES, EN II 1103a21, 1973, p. 267).

Por isso, podemos afirmar que as virtudes não são oriundas da natureza do homem, mas ela deriva da vida prática, e é possível adquirir as mesmas, durante uma vida de hábitos. Portanto, só nos tornamos virtuosos através da prática das virtudes, assim como andar de bicicleta, aprende-se e aperfeiçoa-se o andar de bicicleta perante a prática, da mesma forma se dará com as virtudes.

Neste ponto de vista o filósofo acrescenta:

Com as virtudes da exatamente o oposto: adquirimo-las pelo exercício, como também sucede com as artes. Com efeito, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo; por exemplo, os homens tornam-se arquitetos construindo e tocadores de lira tangendo esse instrumento. Da mesma forma, tornamos-nos justos praticando atos justos, e assim a temperança, a bravura, etc (ARISTÓTELES, EN II 1103a21, 1973, p. 267).

Portanto, quem não agir desta maneira, nunca será bom pois o hábito tem grande interferência na construção moral, de cada indivíduo. Saber escolher entre o certo ou o errado, isso só é possível através de uma disposição de caráter, moldada pelas virtudes, desta maneira é importante saber a mediania em relação a cada homem, conforme destaca Aristóteles:

A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consiste numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e o outro por falta; pois que, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo (ARISTÓTELES, EN II 1107a5, 1973, p. 273).

Não devemos enxergar o hábito como meras habilidades, de praticar coisas justas, porque justo é o indivíduo que pratica a justiça e tende a seguir as regras morais. O homem que tem consciência de suas ações, tem como característica conservar as virtudes com o hábito, ou seja, é aquilo que o estagirita descreve, a disposição de caráter, pois são coisas estáveis e difíceis de serem mudadas estão arraigadas no ser humano.

2.5 ÉTICA E AMIZADE

Um dos campos importantes dentro do discurso da virtude é a amizade, essa relação humana que quase todos os seres humanos desenvolvem, é importante para desenvolver laços.

Portanto, nós também deveríamos talvez chamar amigas a tais pessoas e dizer que existem diversas espécies de amizade – primeiro, e no sentido próprio, a dos homens bons enquanto bons, e por analogia as outras espécies; pois é em virtude de algo bom e algo semelhante ao que é encontrado na verdadeira amizade que eles são amigos, já

que até o agradável é bom para os que amam o prazer (ARISTÓTELES, EN VIII 1157a30, 1973, p. 383).

Ou seja, torna-se importante a amizade para o desenvolvimento humano, somente são amigos porque nesse laço existe algo bom, semelhante ao que os une que é a virtude. É raro uma amizade como a descrita por Aristóteles, mas quando essa amizade existe, geralmente é uma amizade duradoura, para a vida toda, pois existe um laço verdadeiro, ou seja, as qualidades para manter a amizade.

Podemos caracterizar três tipos de amizades: a amizade devido as virtudes, a amizade de prazer e utilidades, que tem atuações diferentes. Tem amizades que se desenvolve somente pelo interesse, pessoas que são amadas somente pelo fato de possuírem algum bem, ou proporcionar algum prazer, não sendo uma amizade pelo que realmente é, mas pelas proporções que essa amizade pode produzir.

A amizade dos jovens, por outro lado, parece visar ao prazer, pois eles são guiados pela emoção e buscam acima de tudo o que lhes é agradável e o que tem imediatamente diante dos olhos; mas com o correr dos anos os seus prazeres tornam-se diferentes. É por isso que fazem e desfazem amizades rapidamente: sua amizade muda com o objetivo que lhes parece agradável, e tal prazer se altera bem de pressa (ARISTÓTELES, EN VIII 1156a35, 1973, p. 381).

Existe uma amizade que para o filósofo é a mais desejada, a amizade da virtude, pois o amigo é amado, pelo que ele realmente é, não importa o que ele tem para dar nem o prazer que ele pode oferecer. Portanto, quando encontramos alguém assim, teremos um amigo caridoso e teremos prazer em estar em sua companhia “[...] ora, dir-se-ia que o amor é um sentimento e a amizade é uma disposição de caráter, porque se pode sentir amor mesmo pelas coisas inanimadas, mas o amor mútuo envolve escolha, e a escolha procede de uma disposição de caráter”(ARISTÓTELES, EN VIII 1157b31, 1973, p. 384). Para o estagirita, a intensidade da amizade não tem nenhuma relevância, o que realmente importa é a reciprocidade desta amizade.

Uma amizade verdadeira não surge rapidamente é necessário a confiança, e para confiar é necessário tempo. Sempre que existe uma amizade, por trás desta amizade existe uma série de fatores, pois nenhum homem decide ser amigo simplesmente porque assim o deseja ser.

Dentro da *polis*, também se alimenta outros tipos de amizades importantes, destacam-se três modos de amizade na *polis*: a amizade com interesse comum, a familiar e a entre companheiros, sem nenhuma finalidade. A primeira representa a vida política, e a segunda é a amizade que os pais têm pelos seus filhos, ou que os filhos têm pelos pais, e a terceira é a amizade verdadeira, aquela entre indivíduos da *polis* sem nenhum parentesco. Aristóteles, defende um tipo de amizade entre pessoas virtuosas, amizade está que não visa nenhum tipo de interesse, aonde existe acordo mutuo, ou seja, ambos se tratam da mesma maneira, independente da condição de cada um, pois quando existe virtude na amizade a diferença não tem importância alguma.

O homem virtuoso, sempre será um bom amigo, pois ele sempre agirá com empatia, colocando-se no lugar do outro. Somente pela via da virtude é possível um homem agir assim, quem tem virtudes jamais trairá seu amigo, mas será sempre leal independentemente da situação e momento.

Diante da discussão acerca da amizade, o estagirita questiona-se, sobre a possibilidade de uma pessoa ser feliz sem nenhum amigo, segundo o filósofo, é impossível alguém ser feliz, e ao mesmo tempo não possuir nenhum amigo.

Além disso, pensa-se que o homem feliz deve ter uma vida aprazível. Ora, se ele vivesse como um solitário a existência lhe seria dura, pois não é fácil a quem está sozinho desenvolver uma atividade contínua; mas com outros e visando aos outros, isso é mais fácil. Em companhia de outras pessoas, por conseguinte, sua atividade será mais contínua e aprazível em si mesma, como deve ser para o homem sumamente feliz; pois um homem bom, enquanto bom, deleita-se com as ações virtuosas e se entristece com as más, assim como o amante da música sente prazer em ouvir belas melodias e se aborrece com as más (ARISTÓTELES, EN IX 1170a4, 1973, p. 411).

O homem feliz, convive com outros homens virtuosos da *polis*, a relação desses indivíduos não visa interesse ou o prazer, o homem verdadeiramente feliz não precisa de amigos falsos.

Se, portanto, o ser é desejável em si mesmo para o homem sumamente feliz (visto que é bom e agradável por natureza), e o ser do seu amigo é mais ou menos idêntico ao seu, um amigo será uma das coisas desejáveis. Ora, o que é desejável para ele, é necessário que o possua sob pena de ser deficiente a esse respeito (ARISTÓTELES, EN IX 1170b18, 1973, p. 412).

As amizades dos homens felizes refletem seus pensamentos, ou seja, é uma exibição de si mesmo. Portanto se em nossas amizades juramos alguma coisa para um amigo, e não cumprimos por achar que tal juramento torna-se impossível de cumprir, agiremos como seres não éticos. Tal amizade passará por turbulência ou até mesmo será rompida, e consigo a felicidade será prejudicada. Porém, se o homem cumprir tal juramento que fez ao amigo mesmo que isso lhe seja penoso agirá moralmente e a amizade será fortalecida.

Desta maneira, a ética é vivenciada no convívio com os outros indivíduos da sociedade através de uma vida prática tornamo-nos sujeitos éticos. A ética encontra na razão o modo de agir sobre a sabedoria prática que adquirimos através do hábito de ações moralmente corretas em relação as leis e costumes que este indivíduo está inserido. A ética das virtudes levará o homem a uma vida de moralidade, formando um indivíduo ético e virtuoso e quanto mais virtuoso esse indivíduo for, maior será a sua felicidade. O estagirita através de sua exposição da ética e o modo de adquirir a virtude, leva-nos a entender que o processo para adquirir a virtude é como a cristalização do caráter. A *eudaimonia*, que é o bem-estar como consequência de uma vida ética, assim para que o homem alcance uma vida feliz será necessário viver segundo a razão e de acordo com as virtudes éticas. Viver segundo a razão implica em uma vida de hábitos e ações moralmente corretas, tendo como objetivo alcançar a felicidade e isso para Aristóteles só é possível através do bem, resultado das ações éticas. A seguir será discutido o principal objetivo da maioria dos seres humanos, a felicidade, *eudaimonia* Aristotélica.

3 EUDAIMONIA E AÇÃO ÉTICA

Nesta parte do trabalho abordarei a *eudaimonia* Aristotélica, como uma consequência de uma vida ética, como descrito anteriormente a ética não oferece nenhum manual de como cada indivíduo deve comporta-se no cotidiano. Porém a ética visa em um contexto geral esclarecer como o indivíduo deve se portar diante de normas buscando o bem pelo ato moral. Destacam-se na obra de Aristóteles a narrativa do estagirita sobre a problemática da teoria ética pois é impossível viver a ética como teoria ela tem que ser prática, ou seja é necessário definir o que é o bem, e não somente dizer o que cada indivíduo tem que realizar em cada ação para definir se sua ação é boa. Por isso a ética não pode ficar somente na parte da teoria, ela deve sair do papel sair das salas de aula e incorpora-se no mundo prático das coisas, deve estar arraigada em todas as camadas da sociedade deve estar presente desde do início da vida até o final da trajetória humana. A ética prática é importante para que cada indivíduo possa enfrentar e saber o que fazer quando confrontado, por situações que exigem tomar uma decisão. Se tal indivíduo não tiver consciência e prática em suas ações éticas, tende a errar com frequência já por outro lado se viver uma vida de ações éticas a tendência é ter uma vida assertiva.

Em tempos de desvio moral e de conduta ética, podemos salientar que ainda é possível viver o bem, ou seja, praticar o bem através de ações virtuosas. Muitas pessoas pensam que o bem é uma ação fracassada, mas para o filósofo o bem não é inalcançável mas ele deve ser buscado pelo homem através da realização de suas atividades. Existem vários bens, mas o aconselhável é buscar aqueles que tem um fim em si mesmo e essas conquistas acontecem tendo em vista as virtudes e não por normas de ação. O homem que vive uma vida pautada nas excelências éticas, ele saberá como agir e o que fazer, não sendo necessário regras ou um conjunto de normas para cada ação. Desse modo, a razão prática deve ser a bússola que guia o homem e quando esse homem agir as virtudes são reveladas na forma de agir, pois a sabedoria prática é o que guia para atingir o fim desejado.

Encontramos na ética Aristotélica, que o que fundamenta o modo do homem agir e gerir sua vida é a felicidade que não está ligada com os prazeres ou coisas banais da vida. A felicidade

não pode estar relacionada com os privilégios recebidos, como busca a grande massa que por vezes age irracionalmente em busca de prazeres e conquistas. Quando converso com os anciões que desbravaram a nossa região e por muitas vezes foram e são privados de riquezas e posses, é possível verificar em sua maioria um sorriso e com grande satisfação relatam sua história. Fica evidenciado que riquezas e coisas compradas não são autossuficientes para a realização e conquista da felicidade. Pelos escritos do filósofo é errado de certa forma comparar a felicidade com os bens que logramos nessa vida, mas a felicidade ela está presente em tudo o que o ser humano faz, principalmente nas ações do cotidiano, aquilo que é chamado hoje de gentilezas. Em dias como esses que vivemos, essas disposições ainda são possíveis de adquirir a felicidade é possível encontrar em uma vida cheia de ações e condutas virtuosas. Uma das ferramentas mais importante para possuir a *eudaimonia* é a sabedoria prática, tal sabedoria é possível ser adquirida através do hábito e constância quando um homem possui a sabedoria prática e encontra o justo meio das coisas, ou seja, encontra o justo meio dos extremos de seus atos e decisões, a isso chamamos de virtude.

Certamente a felicidade é um princípio sendo necessário uma vida moralmente boa para poder alcançar, por isso o caráter do homem precisa ser moldado de acordo com as leis morais e éticas. O homem enquanto indivíduo moral e ético tendo sua vida moralmente boa, ou seja, essa busca será motivada pelo desejo constante do sumo bem, que nesse caso é a felicidade. Todavia não basta apenas buscar esse bem, é necessário compreender pois quando entendemos esse processo de busca da felicidade teremos uma influência em nosso modo de proceder e assim o indivíduo chegará a felicidade, não somente em um âmbito subjetivo mas terá um alcance intersubjetivo. Desse modo destacamos que a felicidade não deverá ser buscada individualmente, mas deverá contemplar o coletivo, ou seja, a felicidade não pode ser individual e particular mas deve ser um bem coletivo.

Também se ajusta a nossa concepção as do que identificam a felicidade com a virtude em geral ou com alguma virtude particular, pois que a virtude pertence a atividade virtuosa. Mas há, talvez, uma diferença não pequena em colocarmos o sumo bem na posse ou no uso, no estado de ânimo ou no ato. Porque pode existir o estado de ânimo sem produzir nenhum bom resultado, como no homem que dorme ou que permanece

inativo; mas a atividade virtuosa, não: essa deve necessariamente agir, e agir bem (ARISTÓTELES, EN I 1099b30, 1973, p. 257).

Podemos caracterizar a felicidade como uma atividade da alma, de acordo com as virtudes e a excelência perfeita na qual os gregos a denominam de *areté* e está só pode ser adquirida através de boas práticas. Com isso podemos interpretar que assim como a felicidade acontece, devido a uma vida de virtuosa a infelicidade é resultado de uma vida com a ausência de virtude. Por isso é importante ter uma vida prática das virtudes, pois agindo assim a sociedade poderá evitar muitas doenças mentais e transtornos na alma, pois o virtuoso sempre agirá bem e ao agir bem alimentará a alma gerando a felicidade. Em tempos de pandemia, uma vida virtuosa torna-se imprescindível saber olhar para as pessoas que precisam de um auxílio. Quando estamos ajudando alguém, na verdade somos ajudados e é isso que gera a *eudaimonia*. Já aqueles indivíduos que vivem uma vida de vícios e a prática de atos maus ele anda por pontos extremos assim o meio termo é o único meio para poder atingir ao que todo homem almeja a felicidade.

É nítida a preocupação de Aristóteles com o bem do homem. A ética trata das questões do bem pessoal e das relações interpessoais de cada indivíduo. Sabemos que de um modo geral a sociedade vive pelas emoções, mas para Aristóteles é necessário ser guiado pela razão, pois é na razão que a virtude está presente. Então a felicidade é resultante do uso correto da razão, pois para o estagirita o que realmente torna uma pessoa boa é o uso da racionalidade, tornado assim um ser humano ideal e bom.

Outro ponto fundamental, para poder viver a felicidade com plenitude, é entender que ela é um fim em si mesma e sendo assim é um bem prático e não teórico, sendo assim uma ação empreendida pelo sujeito que deseja ser feliz, uma disposição humana que requer constância.

Diferem, porém, quanto ao que seja a felicidade, e o vulgo não o concebe do mesmo modo que os sábios. Os primeiros pensam que seja alguma simples e óbvia, como o prazer, a riqueza ou as honras, muito embora discordem entre si; e não raro o mesmo homem a identifica com diferentes coisas, com a saúde quando está doente, e com a

riqueza quando é pobre. Côncios da sua própria ignorância, não obstante, admiram aqueles que proclamam algum grande ideal inacessível, à sua compreensão. Ora, alguns tem pensado que, aparte esses numerosos bens, existe um outro que é auto-subsistente e também é causa da bondade de todos os demais (ARISTÓTELES, EN I 1095a20, 1973, p. 257).

Nesse sentido, Aristóteles demonstra que a felicidade é acessível e este caminho é uma via que pode ser alcançada, pois o mesmo apresenta-se de várias formas para o homem, nas mais diversas circunstâncias e ações. Então a felicidade é o bem absoluto, não depende de algo anterior ou posterior, pois a felicidade nada falta, ela basta por si só. Da mesma maneira a ação ética que pertence ao gênero das ações que tem em si mesma sua finalidade, pois se referem ao que é possível ser alcançado.

A felicidade não acontece em um dia ou seja, não é obra de um só dia mas ela é resultado de uma vida toda pois é impossível avaliar se uma pessoa foi feliz sem ter chegado ao fim da vida. O que está em jogo durante o percurso da vida, é que a felicidade por ser uma atividade que precisa de tempo não é uma coisa imediata, é preciso começar o quanto antes a buscá-la. Não podemos perder tempo com coisas banais e insignificantes, mas é preciso dar o primeiro passo o quanto antes pois o primeiro passo é muito importante. Quando o indivíduo tem um ponto de partida fica mais fácil saber o caminho a percorrer e o ponto de chegada “[...] admite-se geralmente que toda arte e toda investigação, assim, como toda ação e toda escolha tem em mira um bem qualquer; e por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem”(ARISTÓTELES, EN I 1094a1, 1973, p. 249).

Aristóteles indaga no início de sua obra antes de ter uma definição dos objetos de estudos e nos mostra aquilo que seria a ciência política, que para o filósofo é o bem de todos os habitantes das cidade-estado. A ciência política legisla sobre o que devemos aprender, sobre o que deve ser ensinado, e principalmente sobre o que podemos ou não fazer, ou seja, a ciência política tem uma finalidade e ela almeja abranger o bem humano.

Entretanto quando o filósofo aborda a ciência política, o foco desta discussão é a realidade Aristóteles descreve que um jovem inexperiente dificilmente seria um bom ouvinte para as aulas de ciência política. A deficiência não está relacionada com a idade mas com o

modo de viver deste jovem, que tende a inclinar-se para as paixões, fazendo com que seu alvo seja a busca exagerada dos prazeres.

Portanto, na *ética a Nicômacos* é possível verificar que o filósofo considera que todo conhecimento assim como todo trabalho tem uma finalidade, ou seja, o bem supremo para homem, aonde encontramos o bem viver e o bem agir. Aristóteles pretende com isso levar o homem a buscar esse bem genuíno e puro, porém este bem é variável cada indivíduo o conceitua a seu prazer mas o que realmente importa é que esse bem tenha um fim em si mesmo, ao que denominamos a felicidade. Diante de tantas dificuldades, principalmente na nossa época que vivemos período de grande estabilidade emocional, pessoas estão sendo afetadas diariamente por turbilhões de notícias negativas, fica a pergunta, como alcançar a felicidade? Para o filósofo a felicidade é movimento, ou seja, para encontrar é preciso atividade, não podemos dizer que uma pessoa nasce com a felicidade, pois isso não é uma dádiva ninguém nasce portando a felicidade, mas é necessário buscar ao longo da vida por isso que é impossível ser feliz sem a vida prática das virtudes, mas é necessário movimentar-se “[...] mas isto, seguramente, não é verdadeiro, porquanto no começo dissemos que a felicidade é uma atividade; e a atividade evidentemente é algo que se faz e que não está presente desde o princípio, como uma coisa que nos pertencesse”(ARISTÓTELES, EN IX 1169b27, 1973, p. 410).

Desta maneira, chegamos a um dos principais pontos da obra de Aristóteles e também um dos principais temas discutido na academia filosófica, que é a vida contemplativa. A vida contemplativa precisa ir além daquilo que enxergamos, é necessário ter uma vida como a dos sábios uma vida feliz. Para que o homem viva uma vida contemplativa, é necessário aquietar-se, observar as coisas porém o filósofo ressalta que é impossível, poder dedicar-se totalmente a uma vida contemplativa, pois é preciso que o ser humano ocupe-se também a alguma ocupação humana, ou seja, cuidar da prosperidade material. Mesmo a felicidade sendo a coisa mais aprazível e bela do mundo, ela precisa de bens exterior, pois sem os bens exterior a felicidade não pode ser vivida de forma plena, pois da mesma forma que precisamos de casa para morar, um veículo para locomover a felicidade precisa estar arraigada na alma de cada indivíduo, já que os bens materiais são finitos.

Nesse sentido, Aristóteles destaca a *eudaimonia* como uma atividade da alma, ou seja, é uma ação ética em consonância com as virtudes perfeitas tendo como propósito final um bem que pode ser tanto para si, ou para os cidadãos da *polis*. Pois, em primeiro lugar está o bem da *polis*, desta maneira o bem que deve ser buscado é aquele que trará benefícios para a cidade inteira. Deste modo a política torna-se essencial, pois é inevitável deixar ela de fora haja vista que a política tem que estar em busca desta comunhão social, planejar e estabelecer normas e melhorias para toda a comunidade. Para o estagirita o homem é um animal político, e sendo assim é impossível existir outra forma de vida a não ser em sociedade. Nesse sentido, a vida pública é mais importante que a vida privada pois a vida privada é vivida individualmente, mas quando estamos em sociedade o coletivo é essencial. Por isso torna-se primordial pensar na felicidade como uma questão coletiva, abrangendo a todas as pessoas da *polis*. Portanto, para viver feliz é necessário saber deliberar retamente, sobre tudo o que se faz, para que o maior e mais nobre bem, seja alcançado, ou seja, a felicidade.

3.1 EUDAIMONIA: UM BEM UNIVERSAL

Um dos grandes problemas filosóficos da história, e que teve bastante ênfase é a questão do fim último, ou seja, o *telos*²⁴. Desta maneira é importante conhecer esse fim, pois ele terá uma grande influência sobre a vida do homem. Se o homem realmente quiser alcançar aqueles objetivos que deseja terá que organizar a sua vida em prol de algum fim, caso o indivíduo haja sem essa organização será um insensato e dificilmente alcançará o que deseja. Para que o homem possa alcançamos o fim que deseja, é muito importante que saiba qual fim é o desejado para ser buscado quando o fim está claro é mais fácil alcançá-lo, pois todas as forças serão

²⁴ Teleologia, da palavra grega *télos*, que significa propósito ou fim, é o estudo dos objetivos, fins, propósitos e destinos. Na teleologia acredita-se que os seres humanos e outros organismos têm finalidades e objetivos que orientam seu comportamento. Dicionário online, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://www.significados.com.br/teleologia/> > Acesso em 30 Out. 2021.

focadas em alcançar tal fim “[...] é uma marca de notável insensatez não organizar sua vida em função de algum fim. Talvez fosse melhor dizer que é impossível não viver de acordo com algum plano, que é insensato não tentar se esforçar para que esse plano seja bom”. (ZINGANO, 2010, p. 59).

Desta maneira, é feliz aquele que cumpre bem a sua função conforme destaca o filósofo Platão “[...] Agora, tenho certeza, compreendes melhor o que eu queria dizer, quando te perguntei se a atividade de uma coisa não é o que ela faz sozinha ou com mais perfeição do que as outras”. (PLATÃO, 2000, p. 89).

Em cada função, que é realizada bem existe a virtude, ou seja, em tudo que o homem propõe a fazer ali estará a sua virtude.

Pára ai. Poderiam, porventura, os olhos exercer bem suas funções, se, em vez de virtude que lhes é própria, só tivessem ruindade? Como fora possível? Perguntou; decerto, referes-te à cegueira, em lugar da vista. Pouco importa qual seja a virtude, observei; não perguntei isso, mas apenas se os órgãos desempenham bem suas funções com virtudes peculiares, e mal com os vícios contrários (PLATÃO, 2000, p. 90).

O que está em jogo nesta passagem da República de Platão, é que todos possuem uma função própria, função esta que deverá ser realizada de forma excelente, e todos que conseguem desempenhar bem suas funções serão felizes, e trarão uma grande contribuição para a *polis* que ele a idealizou. Entretanto existe uma grande diferença nas duas teorias, para Platão é importante que o homem cumpra bem a sua função e viva uma vida contemplativa no mundo das ideias, por outro lado Aristóteles, destaca que é difícil colocar em prática tal teoria, pois somente conhecendo o bem não é suficiente para ser feliz.

Entretanto, essas duas divergências de ideias, entre Platão e Aristóteles torna a ética *Ética a Nicômacos*, uma fonte importante para tentar esclarecer a felicidade, pois Platão defende que a felicidade está na contemplação do mundo das ideias²⁵, por outro lado Aristóteles

²⁵ O termo ideia é normalmente empregado como sinônimo de concepção, noção ou representação (a ideia de ciência, de justiça). No plural, designa nesse caso um conjunto, individual ou coletivo, de pensamentos ou opiniões

entende que isso é algo vazio, pois é impossível alcançá-la, e mesmo que a conhecemos, seria impossível colocá-la em prática. Desta maneira, Aristóteles discorda que conhecendo a ideia de bem, seja possível ou suficiente para ser feliz.

O mesmo se poderia dizer no que se refere à ideia: mesmo ainda que exista algum bem único que seja universalmente predicável dos bens ou capaz de existência separada e independente, é claro que ele não poderia ser realizado nem alcançado pelo homem, mas o que nós buscamos aqui é algo de atingível (ARISTÓTELES, EN I 1096b33, 1973, p. 254).

Ao refletirmos sobre Aristóteles observa-se que ele tem por finalidade, não a parte teórica, mas a parte prática²⁶, ele não se limita a ficar somente na investigação teórica, mas busca a parte prática para poder atingir a felicidade. Pois o filósofo não almeja saber somente o que é a felicidade, mas entender como é possível ser feliz de um modo prático diante da felicidade. Não é possível ser descrita a felicidade mas deve ser sentida e vivida. Por isso, Aristóteles discorda de Platão²⁷, ele percebe que o bem de Platão é algo que não é possível ser

relativas a este ou aquele domínio (as ideias morais de Rousseau, a história das ideias). Um termo sob o qual se abrigam as designações como as de um percepto, uma imagem, um conceito, uma proposição, uma classificação, uma doutrina, uma teoria ou de tudo o mais que possa ser pensado. Devido a tal generalidade é difícil conceber o que poderia ser uma única teoria precisa de ideias de todas as espécies. Dicionário online, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/> > Acesso em 30 Out. 2021.

²⁶ Certamente o argumento, Aristóteles mesmo reconhece, é apenas de 'conveniência' (ευκολία), mas ele é mais do que uma simples constatação de 'bom senso': não é, com efeito, a ausência de um tal conhecimento, mas sobretudo o fato de não se ter mesmo buscado conhecer uma tal Ideia que testemunha a sua inexistência; o que é, pois, "pouco verossímil", é que o desejo do fim ou do bem que anima toda capacidade técnica, como Aristóteles disse desde a primeira frase de sua *Ética a Nicômaco* (1094a 1-2), não tenha sido também o desejo de conhecer uma tal Ideia do bem! A segunda razão é apresentada com a ajuda de um exemplo que todo mundo conhece bem: de nada serve, para o médico, saber o que é a saúde de maneira geral, pois seu objetivo é preservar ou restabelecer a saúde de homem em geral (ou que chamaríamos hoje de preservação da 'vida' em geral). Esse exemplo particularmente óbvio nos faz compreender ainda melhor, se fosse preciso, o que concerne à felicidade: aquilo que todos buscamos não é a felicidade em geral, mas a felicidade do homem. E como Aristóteles tornará preciso em seguida, justamente no nosso capítulo 6, é a felicidade do homem, excluindo a 'felicidade', se assim se pode dizer dos animais (ZINGANO, 2010, p. 391).

²⁷ Os pitagóricos parecem fazer uma concepção mais plausível do bem quando colocam o "um" na coluna dos bens; e esta opinião, se não nos enganamos, foi adotada por Espeusipo. Mas deixemos esses assuntos para serem discutidos noutra ocasião. Poder-se-á objetar ao que acabamos de dizer apontando que (os platônicos) não falam de todos os bens, e que os bens buscados e amados por si mesmos são chamados bons em referência a uma Forma única, enquanto os que de certo modo tendem a produzir ou a preservar estes, ou a afastar os seus opostos, são

alcançado e desta maneira é impossível vivê-lo. Da mesma forma, que para o médico de nada vale saber o que é a saúde de maneira geral pois o médico terá que cuidar da saúde e não a saúde em geral, por isso é importante tal médico ser especialista na área que atenderá. Por isso, é importante ressaltar que aquilo que a maioria busca é a felicidade, ou seja, ninguém quer compreender a felicidade de um modo geral, mas a felicidade do homem. Desta maneira, aquilo que conhecemos e sabemos teoricamente sobre felicidade nada vale, mas o que realmente importa é encontrá-la.

Por outro lado destacamos que a felicidade é o fim²⁸ ou como Aristóteles destaca é o sumo bem do homem. E para esse fim, o estagirita o denomina de *eudaimonia* que para a filosofia podemos compreender como a vida plena²⁹. Portanto predomina a ideia de que a *eudaimonia* não é apenas um objetivo que devemos alcançar, mas agir bem e não somente em um único dia, devemos agir bem em toda a vida e nunca esperar ser gratificado no final dela. Portanto, um dos principais conceitos de *eudaimonia*, é uma vida plena e perfeitamente satisfatória. Aparentemente, parece que exista vários fins últimos na verdade só poderá existir um, os outros são apenas vias para poder atingir o alvo principal. Portanto, cada indivíduo terá o fim que deseja alcançar e alguns destes fins são buscados tendo um objetivo de alcançar

chamados bens em referência a estes e num sentido subsidiário. É evidente, pois, que falamos dos bens em dois sentidos: uns devem ser bens em si mesmos, e os outros, em relação aos primeiros. Separemos, pois, as coisas boas em si mesmas das coisas úteis, e vejamos se as primeiras são chamadas boas em referência a uma Idéia única. Que espécie de bens chamaríamos bens em si mesmos? Serão aqueles que buscamos mesmo quando isolados dos outros, como a inteligência, a visão e certos prazeres e honras? Estes, embora também possamos procurá-los tendo em vista outra coisa, seriam colocados entre os bens em si mesmos. Ou não haverá nada de bom em si mesmo se não a Idéia do bem? Nesse caso, a forma se esvaziará de todo sentido. Mas, se as coisas que indicamos também são boas em si mesmas, o conceito do bem terá de ser idêntico em todas elas, assim como o da brancura é idêntico na neve e no alvaiade. Mas quanto à honra, à sabedoria e ao prazer, no que se refere à sua bondade, os conceitos são diversos e distintos. O bem, por conseguinte, não é uma espécie de elemento comum que corresponda a uma só Idéia (ARISTÓTELES, EN, 1973, p. 254).

²⁸ Circunstância que termina outra: fim de um livro. Extremidade no tempo e no espaço: fim do ano. Interrupção de; cessação: o fim de uma luta. Perda da existência; morte, desaparecimento: sentir chegar o fim. Objetivo para o qual se tende; intenção: alcançar seus fins. Parte que está no final de; final: fim de semana. O que motiva ou determina algo; motivo, razão: fins lucrativos. Destino: o fim do homem. Dicionário online, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/fim/> > Acesso em 30 Out. 2021.

²⁹ Mas o que o é ser pleno? De acordo com o dicionário da língua portuguesa, pleno significa “cheio, repleto, completo, absoluto, perfeito, acabado”. A plenitude é a qualidade, o estado pleno. Dicionário online, 30. Out, 2021. Disponível em < <http://www.filosofiadobonsai.com.br/ter-uma-vida-plena-feliz-e-equilibrada-exige-responsabilidade/> > Acesso em 30 Out. 2021.

outros. Mas o sumo bem ao contrário dos demais fins, sempre é buscado por ele mesmo, e caso exista outros fins, o sumo bem será o mais perfeito.

Portanto, assim como o ser se diz de vários modos conforme as categorias da mesma maneira o bem se diz de várias formas, os *Pitagóricos* e *Aristóteles*, ao discutirem o bem chegam a uma conclusão mais plausível acerca do bem, pois, o isolam e o deixam livres de outros atributos. E esse é o bem supremo e universal que é desejado por todos.

Com efeito, ainda que tal fim seja o mesmo tanto para o indivíduo como para o Estado, o deste último parece ser algo maior e mais completo, quer a atingir, que a preservar. Embora valha bem a pena atingir esse fim para um indivíduo só, é mais belo e mais divino alcançá-lo para uma nação ou para cidades-estados (ARISTÓTELES, EN I 1094b6, 1973, p. 250).

Para *Aristóteles* esse bem deve ser buscado em primeiro lugar e fazer parte da ciência que está acima das demais essa ciência para o filósofo é a política. Pois somente através da política é possível buscar o supremo bem para todos tendo em vistas que a comunidade de uma forma em geral, seja beneficiada por um projeto, aonde todas as ações virtuosas são vistas por todos os indivíduos da comunidade. Desta maneira o filósofo descreve que tal ação é divina, quando a política busca a satisfação da comunidade, ou seja, esse projeto deve pensar em todos viver segundo as virtudes em sociedade. Pois como o homem é um animal político, é na *polis* que esse viver se torna possível caso os cidadãos da *polis* tendam a viver de forma virtuosa.

Todavia, como fim desejado a felicidade tem vários predicados, conforme destaca *Aristóteles*.

Na medicina é a saúde, na arquitetura uma casa, em qualquer outra esfera uma coisa diferente, e em todas as ações e propósitos é ele a finalidade; pois é tendo-o em vista que os homens realizam o resto. Por conseguinte, se existe uma finalidade para tudo que fazemos, essa será o bem realizável mediante a ação; e, se há mais de uma, serão os bens realizáveis através dela (ARISTÓTELES, EN I 1097a20, 1973, p. 254).

A felicidade conforme destaca Aristóteles, está associada a uma noção de falta, pois tudo que está faltando deve ser buscado assim é com a felicidade se não somos felizes é preciso encontrar o caminho para a felicidade, assim como procuramos um médico quando estamos doentes. Porém, não existe uma mudança sobre o que é a felicidade mas sim sobre a percepção que temos da felicidade.

Portanto, a felicidade não está no passado e muito menos no futuro, pois não é necessário um tempo de hibernação, ou seja, é inútil aguardar um tempo favorável para ser feliz. Portanto, ninguém vive sem correr riscos pois desafios e obstáculos fazem parte da trajetória humana desta forma, a felicidade está no momento presente, nos levando a ir ao seu encontro. Diante de cada indivíduo está posto o fracasso ou o sucesso, como descreve Aristóteles, pois é a nossa escolha que nos levam para a felicidade. Por outro lado existe um fator muito importante que são as nossas atitudes, que devem ser virtuosas se for ao contrário teremos uma vida repleta de infortúnios, diferentemente das atividades virtuosas que nos levam a agir com disposição e racionalidade, condição compatível com a condição humana.

Ao analisar os principais aspectos sobre a felicidade, principalmente as circunstâncias e contingências que a caracterizam é importante saber qual é a posição que a colocamos. Desta maneira, o estagirita a localiza entre as coisas estimadas ou louvadas, sendo possível considerar um bem em si, não precisando ser qualificada, mas é possível distinguir em relação a outros bens.

No entanto, talvez a sutileza nestes assuntos seja mais própria dos que fizeram um estudo dos encômios; para nós, o que se disse acima deixa bastante claro que a felicidade pertence ao número das coisas estimadas e perfeitas. E também parece ser assim pelo fato de ser ela um primeiro princípio; pois é tendo-a em vista que fazemos tudo que fazemos, e o primeiro princípio e causa dos bens é, afirmarmos nós, algo de estimado e divino (ARISTÓTELES, EN I 1102a1, 1973, p. 262).

Portanto, Aristóteles nos mostra exemplos sobre essas definições, pois para o filósofo quando louvamos algo estamos exaltando suas ações e conseqüentemente os resultados. Por

isso é possível afirmar que a felicidade é um bem louvável, pois o sujeito que a possui tem um diferencial, e principalmente é o resultado de uma busca constante. Independente do tempo e época, com frequência encontramos pessoas que são consideradas heróis da humanidade³⁰, pela bravura e determinação que lutaram contra as adversidades..

3.2 A PERFEIÇÃO E AUTOSSUFICIÊNCIA DA FELICIDADE

Ao analisarmos, a *Ética a Nicômaco*, encontramos uma série de fins e cada homem deve escolher um desses fins. Porém, alguns fins não conseguem atingir uma completude absoluta, pois é somente através do sumo bem que é possível encontrar uma completude.

Se estas consequências são inaceitáveis e devemos antes classificar a felicidade como uma atividade, como dissemos atrás, e se algumas atividades são necessárias e desejáveis com vistas em outra coisa, enquanto outras o são em si mesmas, é evidente que a felicidade deve ser incluída entre as desejáveis em si mesmas, e não entre as que o são com vistas em algo mais. Porque à felicidade nada falta: ela é auto-suficiente (ARISTÓTELES, EN X 1176b1, 1973, p. 427).

Portanto, este bem supremo é completo sendo aquele bem que não visa chegar a outro bem além dele mesmo. Por isso podemos destacar que o fim é sempre buscado em vista de si mesmo, e jamais visa outro algo e esse fim para Aristóteles é a *eudaimonia*, pois é um bem que valoramos por ela mesmo. Desta maneira, para o estagirita fica evidente que a *eudaimonia* é mais desejada do que qualquer outra coisa, pois conforme mencionado acima tudo que

³⁰ Temos o exemplo de Martin Luther King, observamos um grande homem que realizou grandes feitos e podemos considerá-lo um sobre-humano, pois ele foi além do comum, em um período de grande estabilidade e segregação racial. Por isso, destacamos que existe um bem que é mais preferível que os outros, pois este é mais desejado e louvável por si só e por isso o chamamos de bem supremo. A felicidade é a junção dos outros bens, pois os demais inclinam-se para ela parecendo que os demais bens particulares, equivalessem a potência e o bem universal que é a felicidade, que por outro lado contra responde ao ato.

procuramos já está nela. Com isso, é possível afirmar que a *eudaimonia*, ela é melhor do que tudo, ou seja, é o melhor das sensações que uma pessoa já sentiu.

Neste sentido, fica evidenciado que não a nada que possa ser comparado com a *eudaimonia*, sendo assim, quando o estagirita descreve que ela é a melhor coisa do mundo, não é o mesmo que dizer que churrasco é melhor que lasanha mas sim que ela é a maior e melhor janta que alguém já experimentou.

Ao contrário de muitos estudiosos nacionais que descrevem a respeito da felicidade, em como atingir a mesma que para ser feliz tem que viver intensamente para o filósofo a felicidade é autossuficiente, não necessita de nada pois ela não tem carência. Portanto, por mais que tentamos encontrar a felicidade em uma vida de recreação não a encontramos lá, pois uma vida de recreação é um momento de diversão, ou seja, tem fim.

Além do que, uma pessoa qualquer – até um escravo – pode fruir os prazeres do corpo não menos que o melhor dos homens, mas ninguém considera o escravo participe da felicidade – a não ser que também o considere participe da vida humana. Com efeito, a felicidade não reside em tais ocupação, mas, como já dissemos, nas atividades virtuosas (ARISTÓTELES, EN X 1177a10, 1973, p. 428).

A felicidade, equipara-se a virtude pois precisa de esforço, quem quer ser feliz precisa esforçar-se da mesma maneira que um virtuoso o faz, é impossível ser feliz somente na vida de diversão, é necessário sair do comodismo e buscar a vida plena. Logo quem vive uma vida de diversão e prazeres provavelmente terá uma vida distante da política, o que era desagradável para o grego, e quem vive da diversão terá pouco cuidado com o próprio corpo algo fundamental para o grego. Desta maneira a felicidade não está em uma vida de diversão, seria um absurdo fazer deles um fim e viver uma vida inteira de trabalho, suportando uma vida de males com o intuito de divertir-se.

Portanto, uma vida feliz e a felicidade não está em passa tempo, mas em viver uma vida virtuosa. Muitas pessoas da sociedade atual vivem como se o mundo terminasse amanhã saem desesperadas atrás de diversão, para essas pessoas isso é a felicidade porém a vida feliz não está

no lazer. Pois, se as coisas acontecessem assim penso que a vida seria sem sentido, pois trabalhamos 44 horas por semana para folgar 2 dias por semana. Logo, a felicidade não está no lazer e nem na fadiga, mas ela está presente nas atividades racionais desde que a atividade faça parte de toda a vida do indivíduo “[...] além disso, pensa-se que a felicidade depende dos lazeres; porquanto trabalhamos para poder ter momentos de ócio, e fazemos guerra para poder viver em paz”. (ARISTÓTELES, EN X 1177b5, 1973, p. 429).

Para o estagirita, o tempo do ócio³¹, não pode ser somente por uma brevidade, mas deve ser algo permanente. Percebe-se que a felicidade é algo que está entre as coisas de valor inestimável, sendo completas ou perfeitas, por estar em um princípio e é através dela que realizamos todas as demais.

Por virtude humana entendemos não a do corpo, mas a da alma; e também a felicidade chamamos uma atividade de alma. Mas, assim sendo, é óbvio que o político deve saber de algum modo o que diz respeito à alma, exatamente como deve conhecer os olhos ou a totalidade do corpo aquele que se propõe a curá-los; e com maior razão ainda por ser a política mais estimada e melhor do que a medicina (ARISTÓTELES, EN I 1102a20, 1973, p. 263).

Desta maneira, enquanto para o filósofo a atividade da alma é a felicidade, encontramos também a faculdade de desejar, que é uma atividade da razão sendo uma atividade própria do ser humano.

Para a maioria dos homens a felicidade está ligada com outra coisa que o completo, mas para Aristóteles só existe dois critérios específicos que tornam o sumo bem diferente dos demais, a autossuficiência e a perfeição. Podemos definir a felicidade em autossuficiente porque

³¹ Ócio significa não fazer nada, é uma palavra com origem no latim *otiu*. Ócio representa, por exemplo, uma folga do trabalho, do colégio ou faculdade, um momento de lazer, para aproveitar e descansar. Ócio é um tempo livre, um tempo vago para não fazer absolutamente nada, apenas para relaxar, e não pensar em nada, ficar em um momento de preguiça, vadiagem mesmo. Uma pessoa ociosa é aquela que não está fazendo nada no momento, está em estado ocioso, também conhecido como um estado de inércia física e/ou intelectual, muitas vezes necessário, para àqueles que trabalham muito. No âmbito da etimologia, a palavra *negócio* indica a “negação do ócio”, ou seja, uma empresa ou algo que ocupa alguém. Dicionário online, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://www.significados.com.br/ocio/> > Acesso em 30 Out. 2021.

a felicidade torna a vida desejável tornando o homem completo, ou seja, sem carências e a felicidade é perfeita porque não é buscada visando outra coisa. Desta maneira, é possível destacar que a felicidade é alvo desejado por todos não necessita de nada para preenchê-la, mas ela basta por si só. Para o estagirita, a felicidade deve ser buscada e desejada, pois ela é uma das principais dadas que o ser humano pode ter, por isso a felicidade é um dos maiores bens que a humanidade pode ter. Quando falamos que ela é autossuficiente, estamos afirmando que ela transpassa as dificuldades e vai muito além da nossa concepção. A maioria dos seres humanos da atualidade associa a felicidade aos bens que possui, mas para Aristóteles isso é um equívoco a felicidade é emancipada, não precisa de nada para existir somente que o homem busque-a através das suas ações e virtudes. Rotineiramente, encontramos alguém reclamando da vida, das dificuldades em como gostaria de ser rico, ou ganhar na mega sena, pois para essas pessoas, somente assim será feliz, mas a pessoa precisa encontrar a felicidade no modo em que está vivendo, pois como ela não está nas riquezas ela é possível para todos os seres humanos da Terra. Ao elucidar a felicidade, Aristóteles nos apresenta três maneiras de gozar a vida e para ele cada modo de vida, entende a felicidade de uma forma: viver do prazer, se dedicar a política para conseguir honra ou dedicar-se a vida contemplativa.

Grande parte das pessoas dedicam-se a vida de prazeres, pois isso demonstra a parte vazia do ser humano, que precisa ser preenchida pelo prazer, desta maneira o homem acaba tornando-se escravo dos prazeres. Pessoas que vivem assim geralmente estão em busca de um sentido para suas vidas. Por outro lado, encontramos os indivíduos que vivem por meio da política e através dela buscam honras e praticam grandes feitos, porém não encontram a felicidade perfeita. Porque o político que geralmente vive de honra e admira seus feitos, esse bem não é algo próprio do homem, pois o bem perfeito precisa ser algo próprio, não podendo ser tirado por ninguém a honra jamais poderá ser esse bem, ela precisará de outras pessoas para existir. Desta forma, podemos destacar que a honra é algo superficial, pois ela está mais no poder de quem a dá, do que de quem a recebe.

Aparentemente os homens procuram as honrarias as primeiras filas, e buscam os aplausos e elogios para encher seus egos, tudo isso para convencerem-se de que são pessoas boas. Mas as pessoas boas e que possuem um bem superior as honrarias humanas, geralmente

estão ocultas porém possuem virtudes e estão sempre em prontidão para ajudar a sociedade. Muitas pessoas ajudam outras que estão em uma situação difícil sem serem notadas, demonstrando assim as virtudes. Para o filósofo, a política tem que ajudar a sociedade e não somente pensar em encher os bolsos de dinheiro e conseguir fama. Por fim encontramos a contemplação, que tem como resultado a formação do caráter e o resultado da atividade contemplativa, será a felicidade perfeita, pois essa é a principal virtude da contemplação. Desta forma, para que o ser humano tenha uma vida realmente feliz, é necessário viver uma vida contemplativa.

3.3 VIDA CONTEMPLATIVA

A partir deste tópico passaremos a analisar a vida contemplativa, dando ênfase ao livro X da ética a Nicômaco, a partir deste capítulo Aristóteles passa a descrever sobre a vida contemplativa e o resultado de uma vida contemplativa que é a felicidade perfeita. Para o filósofo a vida contemplativa é a virtude mais elevada, desta maneira é considerada a melhor nos seres humanos. Quando falamos de contemplação, estamos indo além da visão comum das coisas, pois a contemplação excede a faculdade de execução de qualquer ação. Quando alguém consegue viver desta maneira, ele alcança a real função do homem, pois vivendo assim, vivem como sábios, e aspiram um bem e por ser um bem e não outra coisa, e agem desta maneira porque são guiados pela razão.

A priori os homens que vivem a vida contemplativa, vivem racionalmente e é desta maneira que tal homem vivendo através da razão conseguirá sua maior e mais excelente faculdade. Pois ele tem em vista um bem, que como já dito anteriormente, esse bem é a própria finalidade, ou seja, esse é o sumo bem. Conforme destacamos, a razão é a mais bela faculdade humana e a nobreza de uma vida contemplativa, é aquilo que o homem poderá alcançar de mais belo nesta vida, ou seja, é o modo de vida mais feliz. Haja vista que é a sabedoria que mais traz felicidade para o homem e essa sabedoria só é possível através da vida contemplativa. Desta

maneira, torna-se importante viver racionalmente, pois quanto mais o homem se afastar da vida irracional, mais ele se aproximará do que é divino.

E pensamos que a felicidade tem uma mistura de prazer, mas a atividade da sabedoria filosófica é reconhecidamente a mais aprazível das atividades virtuosas; pelo menos, julga-se que o seu cultivo oferece prazeres maravilhosos pela pureza e pela durabilidade, e é de supor que os que sabem passem o seu tempo de maneira mais aprazível do que os que indagam (ARISTÓTELES, EN X 1177a25, 1973, p. 428).

Com certeza uma vida de sabedoria é sinônimo de felicidade, é através da sabedoria nos tornamos excelentes e através da excelência que o ser humano atinge o prazer. Entretanto o prazer é resultado da sabedoria, através das ações virtuosas que é resultado da parte racional da alma. Essa parte racional da alma o filósofo a denomina de prazeres superiores, pois ela é resultado de uma vida de contemplação. O filósofo considera aquele que vive uma vida contemplativa como os sábios e desta maneira ele vive a atividade contemplativa, pois essa é uma característica do sábio, a atividade contemplativa por si só. Portanto quanto mais sábio for o ser humano mais facilidade terá para a contemplação, pois o sábio é o mais autossuficiente entre os homens.

Portanto, a felicidade é considerada a coisa mais bela e aprazível do mundo, sendo perfeita para uma vida contemplativa. O filósofo leva-nos a pensar nos anjos, que para ele são felizes, mesmo que não tenha nem um ato injusto, pois isso não está em suas naturezas e desta maneira conclui-se que os anjos vivem uma vida contemplativa e são felizes. Pois para o filósofo, os anjos são felizes porque vivem uma vida de contemplação e é essa vida de contemplação que traz a felicidade. Desta maneira, aquelas atividades que são realizadas pelo homem que se parecem com as atividades dos anjos, participam da felicidade.

Por conseguinte, a atividade de Deus, que ultrapassa todas as outras pela bem-aventurança, deve ser contemplativa; e das atividades humanas, a que mais tem afinidade tem com esta é a que mais deve participar da felicidade. Mostra-o também

o fato de não participarem os animais da felicidade, completamente privados que são de uma atividade dessa sorte. Com efeito, enquanto a vida inteira dos deuses é bem-aventurada e a dos homens o é na medida em que possui algo dessa atividade, nenhum dos outros animais é feliz, uma vez que de nenhum modo participam eles da contemplação. A felicidade tem, por conseguinte, as mesmas fronteiras que a contemplação, e os que estão na mais plena posse desta última são os mais genuinamente felizes, não como simples concomitante mas em virtude da própria contemplação, pois que está é preciosa em si mesma. E assim, a felicidade deve ser alguma forma de contemplação (ARISTÓTELES, EN X 1178b25-30, 1973, p. 431).

Uma das perguntas que Aristóteles faz, é se realmente o homem conseguirá ser feliz, somente através da vida contemplativa sem que sinta falta da sadia alimentação e todas as coisas necessárias para manter o corpo funcionando. Se o homem vivesse sua vida dependendo somente das coisas exteriores para ser feliz, com certeza não seria difícil encontrar. Mas o que realmente o homem precisa, são das coisas básicas para viver como por exemplo, uma boa alimentação, mas isso também não pode ser em excesso. Existe uma frase famosa nas rodas de conversa, que o dinheiro não traz a felicidade, e de certa forma não traz, porém, o homem precisa dele para comprar aquilo que necessita, ou seja. O dinheiro é um instrumento necessário, mas não essencial.

Aristóteles, trata o modo de vida mais elevado aquela vida que expressa um dos elementos mais elevados no ser humano, que para o filósofo é o elemento divino da razão. Para esse termo, Aristóteles o define como uma vida contemplativa intelectual. E tudo isso ratifica que a felicidade não está presente nos bens em excesso, e também não está nos bens materiais, mas está na vivência das virtudes. Portanto, o homem jamais precisará de muitas coisas para realizar grandes feitos, mesmo que o ser humano tenha uma vida simples, isso não será um empecilho para a realização de grandes feitos, haja vista que os grandes nomes da história fizeram muito com poucas condições. Pois a felicidade como observamos, não tem nenhuma associação com bens materiais, mas ela está presente na simplicidade, pois tudo que é feito na simplicidade tem mais intensidade e maior valorização³².

³² O que dizer de Gandhi, o fundador do Estado Indiano, que usou boa parte de sua vida, incentivando as pessoas a protestarem de uma forma não violenta, para a revolução. Também temos um dos maiores líderes que a humanidade já teve, Nelson Mandela, que passou boa parte de sua vida defendendo os direitos a igualdade racial, haja vista que em sua época existia o apartheid, aonde os negros eram impedidos de participar dos mesmos

A maioria dos pródigos, como já se disse, também tomam de fontes indébitas, e a esse respeito são avaros. Adquirem o hábito de tomar porque desejam gastar, e isso não lhes é fácil em razão de não tardarem a minguar as suas posses. São, por isso, forçados a buscar meios em outras fontes. Ao mesmo tempo, como não dão nenhum valor à honra, tomam indiferentemente de qualquer fonte: pois têm o apetite de dar e não lhes importa a maneira nem a fonte de onde procede o que dão. Por isso não dão com liberalidade: não o fazem com nobreza, nem tendo esta em vista, nem da maneira que devem. Às vezes enriquecem os que deveriam ser pobres, não dão nada às pessoas dignas de estima, e muito aos adulares ou aos que lhes proporcionam algum outro prazer. (ARISTÓTELES, 1991, p. 63).

Para Aristóteles, o homem verdadeiro e sábio consegue suportar as coisas decorosas da vida, e assim esses acasos da vida farão com que o homem sábio, extraia o melhor da circunstância. Da mesma forma que o sapateiro consegue criar o melhor sapato da matéria-prima que possui, assim será o homem sábio diante das adversidades. Por isso os sábios são os mais felizes entre os homens, e o que traz essa felicidade é as ações nobres que são realizadas de modo correto, e assim os sábios sempre escolhem as ações melhores possíveis, independente do momento e das circunstâncias que estejam vivendo, e desta forma os deuses se agradam de tais ações.

Ora, é evidente que todos esses atributos pertencem mais que a ninguém ao filósofo. É ele, por conseguinte, de todos os homens o mais caro aos deuses. E será,

benefícios que os brancos. Porém, Mandela, não hesitou em auxiliar o seu povo, lutou e foi perseguido e torturado pelo fim do apartheid. Por fim, para exemplificar algumas pessoas que fizeram grandes feitos, temos a Irena Sendler, uma mulher de coragem, que trabalhou como enfermeira. Sendler, era uma mulher polonesa, que lutou pelas crianças, evitando que muitas delas fossem levadas para os campos de concentração nazistas. A enfermeira escondia as crianças e realizava o registro das crianças em um arquivo pessoal, para que essas crianças pudessem um dia retornar para as suas famílias. Quando ela foi descoberta, os nazistas quebraram os ossos de suas pernas, mesmo assim, Sendler continuou sua nobre missão. Dias mais tarde, Sendler é condenada a morte, mas consegue escapar e devolver muitas crianças para as suas famílias. Como verificamos acima, essas pessoas fizeram grandes feitos, apesar da grande dificuldade para a realização, demonstrando que as condições materiais, tem pouca relevância diante de pessoas que possuem um bem divino.

presumivelmente, também o mais feliz. De sorte que também neste sentido o filósofo será o mais feliz dos homens (ARISTÓTELES, EN X 1179a30, 1973, p. 432).

Para Aristóteles, o filósofo é mais feliz que todos os homens, pois ele cultiva a razão e desta forma torna-se mais caro para os deuses. Desta maneira podemos destacar que Aristóteles, baseia-se na doutrina da razão e assim é mais caro aos deuses. A reflexão Aristotélica sobre a contemplação, baseia-se em elementos importantes para o filósofo descrito na *Ética a Nicômacos*, primeiro destaca-se que a contemplação é uma doutrina divina, ou similar ao divino. Desta maneira, para que o homem tenha uma vida feliz é necessário que a vida contemplativa seja o objetivo principal, sendo equiparado ao objetivo principal do homem. Sendo assim, quem dedica sua vida para a filosofia, ou a uma vida contemplativa tendem a tornasse pessoas maduras e decentes, tendo mais facilidades de domesticar os maus hábitos, adquiridos na educação. Somente através de uma vida reflexiva, que o homem poderá encontrar os valores oferecidos pela filosofia com prioridade, por isso é importante que o ser humano, cultive o hábito da vida contemplativa.

É possível averiguar que Aristóteles em sua obra tem uma preocupação com a felicidade, pois ele traz em seu tratado apesar dos infortúnios que a vida pode trazer a qualquer cidadão, a ética é encontrada nas virtudes, tendo como guia principal, aquelas decisões que são tomadas através da sabedoria prática e da prudência. Para o estagirita, é importante que o homem busque a felicidade como o alvo principal de sua vida, ou seja, algo mais desejado e para poder alcançar esse objetivo humano é necessário ter uma vida humana ética. Tendo esse sumo bem, o homem não precisará de mais nada para contemplar e ser feliz pois ela é autossuficiente, não necessitando de mais nada além dela mas ao contrário sempre buscamos outros bens com o intuito de encontrar a felicidade. E finalmente, é possível evidenciar que a felicidade Aristotélica é resultado de uma vida bem-sucedida o estágio mais importante da vida humana, ou seja, a realização mais perfeita que um homem pode ter. Por fim, Aristóteles destaca que o modo como desempenhamos nossas funções na sociedade é um fator importante para aferir se

realmente seremos sujeitos felizes ou não, a seguir veremos as atividades que trazem felicidade para o homem.

4 ATIVIDADE E FUNÇÃO DO HOMEM

O estagirita descreve que uma das bases de uma ética universal, com independência da cultura ou da época em que o indivíduo esteja inserido. Pois, para que o indivíduo seja feliz não faz se necessário obedecer ao tempo, ou seja, felicidade é independente do tempo e lugar em que o indivíduo esteja vivendo.

Portanto, é necessário que o homem desenvolva algum tipo de atividade, pois sem a atividade é impossível que o homem viva. Desta maneira, é possível destacar que cada homem possui uma função própria no sentido mais amplo da palavra. Apenas viver não podemos classificar como um sentido para a vida do homem, pois viver é algo comum para os animais e também para os homens ou as plantas. Desta maneira, a função do homem terá que ser algo com características próprias do homem, conforme descreve Aristóteles:

Dar-se-á o caso, então, de que o carpinteiro e o curtidor tenham certas funções e atividades, e o homem não tenha nenhuma? Terá ele nascido sem função? Ou, assim como o olho, a mão, o pé e em geral cada parte do corpo têm evidentemente uma função própria, podemos assentar que o homem, do mesmo modo, tem uma função a parte de todas as coisas? Qual poderá ser ela? (ARISTÓTELES, EN I 1097b30, 1973, p. 256).

Segundo descreve Aristóteles, na passagem citada acima é possível dizer que a função é o que o homem sabe fazer de melhor. Porém, não é o caso de ser um pintor ou músico mas é algo que ultrapassa essas atividades que por sinal é algo comum em todos. Por mais que alguém julgue a atividade de alguém insignificante porém, para esse indivíduo essa atividade é muito importante, assim como temos no corpo vários membros e órgãos, e cada um têm sua função vital, na sociedade não é diferente, cada ser humano terá a sua função.

Resta, pois, a vida ativa dos elementos que tem um princípio racional; desta, uma parte tem tal princípio no sentido de ser-lhe obediente, e a outra no sentido de possuí-lo e de exercer o pensamento. E, como a “vida do elemento racional” também tem dois significados, devemos esclarecer aqui que nos referimos a no sentido de atividade; pois esta parece ser a acepção mais própria do termo (ARISTÓTELES, EN I 1098a5, 1973, p. 256).

Capacidade está de compreensão da razão, que é fundamental para o sujeito ao exercer sua atividade própria de forma excelente.

Outro filósofo que foi importante na discussão da questão da função das coisas foi Platão, conforme lemos “[...] agora, tenho certeza, compreendes melhor o que eu queria dizer, quando te perguntei se a atividade de uma coisa não é o que ela faz sozinha ou com mias perfeição que as outras”. (PLATÃO, 2000, p. 89).

Para Platão existe uma virtude em cada função bem executada por exemplo a função das pernas é caminhar, correr, desta forma a função das pernas é poder andar e correr de forma perfeita. Se uma pessoa possui algum tipo de lesão nas pernas e não pode caminhar ou correr perfeitamente, podemos dizer que a pessoa tem suas pernas, porém as atividades caminhar e correr não estão sendo desempenhada virtuosamente, pois a função da perna é caminhar e correr perfeitamente. Quando isso não ocorre é porque existe alguns vícios que impede o seu bom funcionamento. E desta analogia, temos que comparar a todas as demais coisas, ou seja, é através da aplicação a todas as coisas que poderemos então compreender a relação da função de cada coisa, em relação a virtude que proporcionará a felicidade.

Para Aristóteles a função do ser humano, tende a ser voltada para a atividade racional, porém cada indivíduo possui a sua função própria e através desta atividade que este individuo desenvolve saberemos se ele é um homem virtuoso ou não.

Pois a função de um tocador de lira é tocar lira, e a de um bom tocador de lira é fazê-lo bem; se realmente assim é [e afirmamos ser a função do homem uma certa espécie de vida, e esta vida uma atividade ou ações da alma que implicam um princípio racional; e acrescentamos que a função de um bom homem é uma boa e nobre

realização das mesmas, e se qualquer ação é bem realizada quando está de acordo com a excelência que lhe é própria; se realmente assim é], o bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude, e, se há mais de uma virtude, com a melhor e mais completa (ARISTÓTELES, EN I 1098a15, 1973, p. 256).

Desta maneira, o bom tocador possui um grande diferencial dos demais, e destaca-se, devido a sua virtude que possui. Portanto, o homem virtuoso, será bem-sucedido agindo de acordo com a excelência que possui, e sua atividade será realizada com excelência, pois através do hábito aprendeu a fazer o uso da razão e compreendeu que tem um fim a ser alcançado que será alcançado através da atividade exercida virtuosamente. O homem virtuoso consegue distinguir que a vida não virtuosa lhe causara em infelicidades “[...] o sucesso ou o fracasso na vida não depende delas, mas, como dissemos, a existência humana delas necessita como meros acréscimos, enquanto o que constitui a felicidade ou o contrário são as atividades virtuosas ou viciosas”(ARISTÓTELES, EN I 1100b10, 1973, p. 260).

Toda atividade humana tende chegar a um fim, ou seja, todas as atividades que são desenvolvidas tem um objetivo, ninguém realiza algo por acaso, mas porque tem um objetivo final. E geralmente este fim é um bem em si mesmo e este bem está relacionado com a atividade do homem “[...] admite-se geralmente que toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer; e por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem”(ARISTÓTELES, EN I 1094a1, 1973, p. 249).

Portanto a felicidade é o bem final e supremo do homem que podemos encontrar na virtude de exercer, bem a função e para isso não é necessário recursos ou bens que lhes forem proporcionados. Pois um bom capitão, tem que saber usar bem o seu exército, ao qual éle tem em suas mãos, da mesma maneira um sapateiro tem que trabalhar de forma inteligente, sabendo fabricar belos calçados da matéria-prima que recebeu, e assim todas as atividades têm que ser desenvolvidas com bastante empenho, para alcançar um fim desejado.

Assim, quando um indivíduo consegue desenvolver bem a sua função, ele é uma pessoa virtuosa e desta maneira ele será feliz, mas como é possível saber a função que o homem tem que desenvolver? Para o filósofo grego, o homem tem que desenvolver suas atividades de forma

que o mesmo seja diferenciado suas funções devem ser diferentes dos demais, ou seja, essa atividade tem que ser racional ou como é denominado de excelência, que está vinculada com a parte intelectual do homem.

Desta forma, a atividade que é própria do homem é a razão, e através desta atividade o bem e o fim são alcançados, pois o objetivo final é encontrar a felicidade. Da mesma maneira que um construtor constrói uma ponte e o fim desejado é a ponte, da mesma forma é o desejo de quem fabrica os alicerces da ponte ou quem fabrica as peças que serão utilizadas para concluir a obra, pois todos almejam um fim que é a própria ponte construída. As atividades que desenvolvemos ao longo de nossas vidas, tendem a levar-nos a alcançar o fim último, ou seja, a nossa natureza tende a inclinar-se a levar-nos ao fim último que é a felicidade, que é encontrada através da atividade.

Então, é fundamental que saibamos qual é o fim da natureza, desta maneira é mais fácil encontrar o fim desejado, ou seja, a felicidade.

Semelhante a arqueiros que têm um alvo certo para a sua pontaria, não alcançaremos mais facilmente aquilo que nos cumpre alcançar? Se assim é, esforcemo-nos por determinar, ainda que em linhas gerais apenas, o que seja ele e de qual das ciências ou faculdades constitui o objeto (ARISTÓTELES, EN I 1094a25, 1973, p. 249).

Portanto, é essencial que cada indivíduo saiba qual é a finalidade e exercer as atividades com a mais perfeita virtude a fim de encontrar o fim desejado.

O filósofo Grego apresenta em sua narrativa a felicidade como sendo a atividade da alma, segundo a excelência completa. Desta maneira a obra do homem, é a obra segundo a razão e de certa forma não pode ser privada de razão. Também é impossível fazer uma separação entre a obra do gênero do homem e o homem excelente, pois assim como a obra do citaredo é tocar citar, a obra do bom citaredo é tocá-la bem.

Todos os indivíduos do planeta Terra têm uma atividade, mas o que está em discussão é se em cada atividade do homem está presente a virtude, sem virtude é impossível destacar-se

dos demais. Agindo assim, desempenhando as atividades virtuosamente o homem poderá encontrar a felicidade, pois a excelência e boa obra traz a felicidade. Porém aquele que não tem uma atividade como a do sapateiro ou do arquiteto, se tiver tempo livre poderá dedicar-se a vida contemplativa que é a vida dos sábios.

Mostra-o também o fato de não participarem os animais da felicidade, completamente privados que são de uma atividade dessa sorte. Com efeito, enquanto a vida inteira dos deuses é bem-aventurada e a dos homens o é na medida em que possui algo dessa atividade, nenhum dos outros animais é feliz, uma vez que de nenhum modo participam eles da contemplação. A felicidade tem, por conseguinte, as mesmas fronteiras que a contemplação, e os que estão na mais plena posse desta última são os mais genuinamente felizes, não como simples concomitante, mas em virtude da própria contemplação, pois que esta é preciosa em si mesma. E assim, a felicidade deve ser alguma forma de contemplação (ARISTÓTELES, 1991 p. 237).

A vida contemplativa é importante para a vida em sociedade, pois através da vida contemplativa o homem está desenvolvendo seu conhecimento em sociedade e desta maneira desenvolverá o seu papel político na sociedade. Portanto, através deste conhecimento o homem terá condição de encontrar o bem sendo o resultado do bem vivido, e desta maneira todos que convivem com ele serão beneficiados. Desta maneira a vida na *polis*, torna-se uma partilha de bens contemplativos e todos são beneficiados. A vida na *polis*, deixa de ser uma vida comum e torna-se uma vida em comum, aonde todos tem um objetivo definido e todos participam dos bens oferecidos pela natureza do homem.

Diante disso, é possível destacar a *phrónesis* que é a felicidade do homem mediante as realizações constitutivos através das virtudes éticas, que moldam o seu caráter. *Phrónesis*, é um guia do homem que o conduzirá a um estado de autoconstituição, dando sentido a sua vida e o libertando das paixões, deixando um caminho livre para que o homem possa atingir o autodomínio e encontre a felicidade “[...] outra crença que se harmoniza com a nossa concepção é a de que o homem feliz vive bem e age bem; pois definimos praticamente a felicidade como uma espécie de boa vida e boa ação” (ARISTÓTELES, EN I 1098b20, 1973, p. 257).

Uma das grandes perguntas que a sociedade atual tenta definir e responder, é se devemos correr atrás da felicidade, ou a felicidade não deve ser buscada. Aristóteles tenta responder essa pergunta, e o filósofo chega a conclusão que quando as nossas ações estão seguindo de acordo com a excelência ética teremos a felicidade e quando o homem se inclina a ações opostas a ética, será infeliz. Pois o homem sensato e de princípios, suportará as aflições de forma nobre e agirá da melhor maneira possível.

Aristóteles, compreende a *eudaimonia*, como um conceito que inclui todas as atividades de valor que implica em A ser em vista de B, desta maneira as atividades têm que se completar.

Ao avaliar a função da atividade humana Aristóteles é conduzido á tese de que a *eudaimonia*, que é o mais alto bem, que está inserida na vida do cidadão que tem um princípio racional.

Devemos considerar que o homem é atividade, ou seja, a passagem da potência para o ato. Uma das perguntas importantes de Aristóteles na *Ética a Nicômacos*, qual é o fim da atividade do homem? Existem muitos fins e geralmente alguns servem para alcançar os outros, e a felicidade é o fim último no qual o homem tende. Logicamente não se trata de um fim específico de um homem, como por exemplo a arte de construir casas, mas aqui está a condição de todos os homens em relação a felicidade, ou o fim para todos os indivíduos. Como já mencionado, este fim último é a felicidade e está depende da condicionante vida contemplativa guiada pela razão, mediante a virtude que só serão adquiridos mediante os hábitos conquistados na prática cotidiana.

Muitas vezes o homem se afasta do seu propósito, e isso representa um atraso na busca de seu objetivo final, e geralmente o homem age errado em sua consciência sabendo que está indo na contramão da virtude e acaba afastando-se da mesma. Aristóteles no capítulo VII irá questionar-se, porque o homem faz o caminho inverso tendo consciência de que a sua ação não está sendo correta. Mesmo assim a maioria dos homens continua a viver como se a prática da virtude é algo pesado, mas tal homem sem virtude no final, terá um fim infeliz e doloroso. A questão é porque o homem pratica coisas erradas, mesmo tendo consciência de sua ação? No próximo tópico será abordado um dos principais motivos que levam os indivíduos a praticar coisas erradas, aquilo que denominamos de *Akrasia*.

4.1 AKRASIA

Neste tópico iniciamos abordando a questão da *Akrasia*, que é o agir errado mesmo tendo conhecimento³³, e porque esse comportamento estranho acontece por diversas vezes durante a vida de um homem. Aristóteles, descreve que um acrático sabe que está agindo errado, porém existe a possibilidade do acrático agir impulsivamente e na hora do ato acaba agindo erroneamente, sem que o mesmo perceba que agiu errado agiu no impulso e sem pensar. Temos por exemplo conhecimento que está sem chover na região, entretanto neste momento essa questão não está em nossos pensamentos, porém essa questão foi evocada em nossos pensamentos e possuímos esse conhecimento e pensando nele.

Mas (a), visto que usamos a palavra “saber” em dois sentidos (pois tanto do homem que possui o conhecimento, mas não o usa como daquele que o possui e usa dizemos que sabem), fará grande diferença se o homem que pratica o que não deve possui o conhecimento mas não o exerce, ou se o exerce; porque a segunda hipótese parece estranha, mas não a primeira (ARISTÓTELES, EN VII 1146b30, 1973, p. 360).

Portanto afirmar que alguém sabe algo, não significa que a pessoa está pensando naquele conhecimento no exato momento. Não podemos afirmar que determinada pessoa não saiba álgebra, pois naquele momento a pessoa não está realizando nenhum cálculo envolvendo álgebra, porém ela pode ter conhecimento em álgebra. Portanto, não significa que a pessoa não saiba álgebra, ela pode até saber, mas no momento esse conhecimento não está sendo utilizado,

³³ Aristóteles indaga, em EN VII, como se pode fazer o que se sabe ser errado. Fazer o que se sabe ser errado é o que ele chama de *akrasia*. Por um lado, parece evidente que a *akrasia* ocorre de quando em quando. Por outro, Sócrates declara que o conhecimento deve ter o primado na alma e não ser arrastado de um lado a outro como um escravo. Em razão dessa autoridade do conhecimento, Sócrates conclui que, na realidade, não existe *akrasia*. Sempre que parecemos ver alguém fazendo o que sabe ser errado, na verdade essa pessoa não sabe que o que faz é errado: ela está em erro acerca do certo e do errado. Eis uma dificuldade ou *aporia*. A concepção de senso comum de que por vezes se faz o que se sabe ser errado parece contradizer a tese de Sócrates, também muito convincente, de que o conhecimento tem o primado (ZINGANO, 2010, p. 65).

pois não é necessário. Neste sentido, Aristóteles afirma que o acrático sabe que o seu ato é errado, ele tem esse conhecimento, porém pode cometer o ato, porque naquele momento não utilizar esse conhecimento.

Desta maneira, o acrático pode ter o conhecimento como posse intelectual, porém pode não usar ou contemplar, quando precisar do mesmo. A *akrasia* pura e verdadeira ocorre quando um indivíduo age de forma errada porém tem conhecimento do seu erro e no momento exato em que pratica o ato, o mesmo está ciente de que está errado.

Aristóteles ilustra isso com vários paralelos. O primeiro é de (A) “uma pessoa adormecida, louca ou bêbada” (1147a13-14): ela está temporariamente sem condições de ativar o que ainda permanece como seu próprio conhecimento. Seu estado habitual é de alguém que está de inteira posse do conhecimento; é apenas transitoriamente que ela não pode acessá-lo. O segundo caso é de (B) estudantes que ainda não têm conhecimento por si mesmos como costumamos dizer, eles ainda não o internalizaram. Tudo o que aprenderam até então é capacidade de "sobrepôr" afirmações. Essa é uma capacidade que eles compartilham com (A): embriagados e estudantes podem igualmente citar frases de Empédocles. Aristóteles primeiramente observa (a17-18) que o acrático parece com (A): então, quando ele conclui (observe o hoste, a22) com uma menção a (B) de que o acrático também é como "aqueles que recitam" (tous hupokrinomenois, a23), ele pretende fazer uma comparação que se aplica tanto a (A) quanto a (B) (KRAUT, 2009, p. 221).

Desta maneira, a *akrasia* é definida como o ato que o homem comete tendo conhecimento deste erro, contudo mesmo tendo esse conhecimento, e era ao aplicar sua decisão a escolha. Aristóteles mergulhará neste assunto, no capítulo VII da *Ética a Nicômaco*, o filósofo demonstrará que ser acrático é diferente de ser devasso, pois o devasso nunca se arrepende do mal que cometeu. O devasso sempre acredita que mesmo agindo errado seus atos são corretos, sendo incurável e durante a vida, um homem devasso dificilmente mudará a sua opinião.

Mas há uma espécie de homem que é arrastado pela paixão contrariando a regra justa – um homem a quem a paixão domina por tal forma que é incapaz de agir de acordo com a reta razão, mas não ao ponto de fazê-lo acreditar que deva buscar tais prazeres sem reservas. Esse é o incontinente, que é superior ao interperante e não é mau no

sentido absoluto, pois nele se conserva o que tem de melhor, o primeiro princípio. E contrária a ele é outra espécie de homem, que se mantém firme nas suas convicções e não se deixa arrastar, ao menos pela paixão (ARISTÓTELES, EN VII 1151a20, 1973, p. 368).

Para Aristóteles, esses lapsos ocorrem porque existe uma força que conduz o acrático a praticar aquilo que o seu desejo ou o apetite quer devido a esses fatores o homem acaba deliberando erroneamente e a ação acaba sendo executada de forma equivocada, sendo guiado pelo prazer do momento.

E quando sucede estar presente em nós o apetite, uma das opiniões nos manda evitar o objeto, mas o apetite nos conduz para ele (pois tem o poder de mover cada uma das partes de nosso corpo); e sucede, assim, que um homem age de maneira incontinente sob a influência (em certo sentido) de uma razão e de uma opinião que não é contrária em si mesma, porém apenas acidentalmente, à reta razão (pois que o apetite lhe é contrário, mas não o é a opinião) (ARISTÓTELES, EN VII 1147a35, 1973, p. 361).

Portanto o acrático, apesar deste desvio momentâneo da ação correta ele consegue realizar uma análise de seus atos e entender que os mesmos estão errados, e se arrepende de praticá-los erroneamente.

Ora, como o homem incontinente tende a buscar, não por convicção, prazeres corporais que são excessivos e contrários à reta razão, enquanto o intemperante está convencido por ser a espécie de homem feita para buscá-los, é o primeiro que facilmente se deixa dissuadir, ao passo que como o segundo não acontece assim (ARISTÓTELES, EN VII 1151a10, 1973, p. 368).

Desta maneira, o acrático se arrepende com facilidade, pois ele percebe que a sua ação está indo contra os seus princípios morais e suas convicções.

Encontramos em toda a história várias personagens que de alguma forma lutavam por fazer alguma coisa que entendia ser errado, entre elas citamos o Ap. Paulo: “[...] porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço”. (cf. Rm 7, 18-19).

Na passagem Bíblica verificamos um dos maiores líderes da igreja Cristã, que com a sua evangelização e grande eloquência conseguia arrematar uma grande multidão, queixando-se das suas fragilidades, em não conseguir cumprir a lei que está no seu interior. Aqui está o exemplo de um acrático pois eles têm conhecimento do que deve ser feito, mas devido a alguns desejos e paixões que lhe atormentam, acaba realizando ações contrárias ao que ele acredita.

Aristóteles em sua ética, não deixou nenhum exemplo de luta moral do sujeito contra os desejos. Porém o filósofo preocupava-se, em analisar como o homem poderia agir diante dos seus próprios princípios morais, não levando em conta se existe uma luta interior ou não, do sujeito contra as suas próprias paixões. Em sua obra, o autor descreve 2 tipos de acráticos: o impetuoso, que é o sujeito levado pelos desejos não deliberados, como este sujeito nunca delibera, não é possível saber se o ato praticado é errado, pois evita uma reflexão antes da ação, porém ele é acrático porque tem conhecimento do princípio moral que opera. E também temos o fraco, que a princípio até delibera, mas é influenciado pelos seus desejos e desta maneira não consegue obedecer a sua própria escolhas, desta forma ele conhece o que é certo, porém é dominado pelas paixões e torna-se refém das mesmas, desviando sua mente do que é certo e seduzindo-o ao erro. Neste sentido a *akrasia* está na fraqueza do homem, que deveria agir moralmente bem, mas acaba agindo errado, pois o homem acaba agindo segundo a sua vontade e não falta conhecimento, pois o princípio moral está inserido no indivíduo e o impetuoso não é capaz de deliberar sobre ele, muito menos o fraco consegue deliberar, mas ambos são guiados pelas paixões.

Diante desta discussão, Aristóteles discute com Protágoras, para o estagirita, é impossível alguém agir errado sabendo que seu ato é errado, pois o conhecimento que está neste indivíduo é mais forte. Desta maneira, nada poderá dominar o homem quando o mesmo possui conhecimento, nada poderá o escravizar. Entretanto, para o filósofo a *akrasia* não existe já que

para ele é impossível um homem cometer um erro sabendo que está errado, pois para Aristóteles, o homem que comete um erro está agindo na ignorância.

Alguns afirmam que tal conduta é incompatível com o conhecimento; pois seria estranho – assim pensava Sócrates – que, existindo o conhecimento num homem, alguma coisa pudesse avassalá-lo e arrastá-lo após si como a um escravo. Com efeito, Sócrates era inteiramente contrário à opinião em apreço, e segundo ele não existia isso que se chama incontinência. Ninguém, depois de julgar – afirmava –, age contrariando o que julgou; os homens só assim procedem por efeito da ignorância (ARISTÓTELES, EN VII 1145b22, 1973, p. 358).

Como já vimos, mesmo o homem possuindo conhecimento, a maioria das vezes são guiados pelas paixões que os levam a praticar o erro e desta forma nenhum ser humano está imune de ser guiado por tais paixões. Para que o ser humano seja realmente blindado de tais erros, o mesmo deverá passar pelas mesmas remissões de Platão, e desta forma silencie suas paixões e inclinações. Mas para Aristóteles, neste caso não estaríamos tratando com seres humanos, mas com seres mais próximos do *daimôn*³⁴ de Sócrates.

³⁴ A crença em espíritos sobrenaturais um pouco menos antropomorfizados do que os Olímpicos é uma característica muito recuada da religião popular grega; um certo *daimon* está ligado a uma pessoa ao nascer e determina, para o bem ou para o mal, o seu destino (confrontar a palavra grega para felicidade, *eudaimonia*, que tem um bom *daimon*). Heráclito protestou contra esta crença, mas sem grande efeito. Na concepção xamanística da *psyche*, *daimon* é um outro nome para a alma, refletindo provavelmente as suas origens divinas e poderes extraordinários. Sócrates está, pelo menos parcialmente, dentro da tradição religiosa arcaica quando fala do seu "algo divino" (*daimonion ti*) que o aconselha a evitar certas ações; a sua operação é consideravelmente mais vasta no relato de Xenofonte nas Mem. I, 1,4; notável é o uso constante que Sócrates faz da forma impessoal da palavra ou do sinônimo "sinal divino", talvez a ligeira correção do racionalista daquilo que era uma crença popular contemporânea na adivinhação, mensagens de sonhos divinos, profecias etc., uma crença que Sócrates compartilhava. É provavelmente um erro pensar que Sócrates ou os seus contemporâneos distinguíssem com muito cuidado *daimon de theion*, visto que a defesa socrática contra o ateísmo no *Apol.* 27d, assenta num argumento de que acreditar nos *daimones* é acreditar nos deuses.2. A ideia do *daimon* como uma espécie de "anjo da guarda" ainda é visível em Platão (Rep. 620d), embora uma tentativa de fuga ao fatalismo implícito na crença popular pelo fato das almas individuais escolherem já o seu próprio *daimon* (Rep. 617e). Se este *daimon* individual está ou não dentro de nós foi muito discutido na filosofia posterior.3. Mas uma outra noção, a do *daimon* como uma figura intermédia entre os Olímpicos e os mortais, está também presente em Platão. Os verdadeiros deuses habitavam o *aither* enquanto os *daimones* menores habitavam o aer inferior e exerciam uma providência direta sobre as ações dos homens.4. Plutarco tem uma demonologia altamente desenvolvida, e com o seu típico conservantismo religioso ele delinea o culto desses intermediários recuando até às fontes oriental e grega primitiva. Dicionário online, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/> > Acesso em 30 Out. 2021.

Assim, as paixões como o desejo desenfreado sexual, podem acarretar ao indivíduo uma desordem em seu pensamento, que pode assemelhar-se ao estado de embriagues. Diante desta situação, o homem acaba desviando-se do seu propósito e não compreende o que está fazendo, ao mesmo tempo ele possui a consciência, porém esses desejos lhe tiram a direção e o mesmo acaba agindo pelo impulso. Diante disso, o homem acaba perdendo até o modo que ele se vê naquele momento, essa fraqueza abre caminho para a paixão dominar o homem, tais paixões acabam desarranjando-o.

d) (VIL3:1147a10-24): é verdadeiro que os homens têm conhecimento de um modo diferente daqueles mencionados. Entre ter e não usar percebemos uma diferença de estado, de sorte que ele tem e não tem conhecimento, por exemplo, uma pessoa adormecida, louca ou bêbada. No entanto, essa é uma condição em que os homens se encontram por influência das [a15] paixões, pois os acessos de ira, os apetites sexuais ou alguma outra paixão de fato alteram o corpo e, em alguns homens, chegam inclusive a produzir sintomas de loucura. É claro, então, que os acráticos devem ser descritos como estando em uma situação similar a casa. Que eles enunciem frases que expressam conhecimento não significa nada, pois os homens sob a influência dessas [a20] paixões enunciam provas científicas e frases de Empédocles, e aqueles que mal começaram a aprender sobrepõem sentenças, mas não têm ainda conhecimento, já que este precisa estar no agente como uma segunda natureza, o que requer tempo. Devemos também supor que as pessoas em estado acrático dizem coisas de modo similar àquelas que recitam (KRAUT, 2009, p. 221).

Aristóteles, tenta capturar a verdade e o desejo como objeto principal da vida do homem, e desta maneira a excelência possa ser a ferramenta principal e uma vida digna através das escolhas corretas, isso acontece através do uso da razão. O que o filósofo está demonstrando é que o homem tem que se libertar da *akrasia*, e isso só será possível quando o homem utilizar a razão prática, agindo assim o homem encontrara novamente o caminho da virtude. As ações moralmente boas, são oriundas dos bons estados de caráter e também os bons estados é derivado de caracteres bons, pois é a condição saudável que rege um homem, é desta maneira que Aristóteles pensava.

O que Aristóteles está propondo é que a capacidade de pensar é a melhor capacidade que o homem possui, e desta maneira a razão é parte essencial para o homem, pois é o guia

natural, sendo a maior virtude que um homem pode ter e através dela encontrar a felicidade. O homem, devido a sua própria natureza é direcionado a buscar o bem, mas essa busca só será bem-sucedida através da virtude. Somente através de uma boa conduta, teremos um direcionamento em direção a excelência, desta maneira a felicidade está interligada com a sabedoria prática, em saber realizar as escolhas práticas. Assim, a virtude intelectual, ou seja, a sabedoria prática, cuja finalidade principal é mostrar qual é a maneira mais correta de se portar. Apesar de a sabedoria prática não ser uma virtude moral, ela está ligada intimamente com as virtudes morais.

Em sua obra, Aristóteles apresenta a felicidade como a atividade da alma, segundo as virtudes mais excelentes em uma vida realizada plenamente. Porém, encontramos o filósofo, questionando-se, sobre a felicidade, se a felicidade é instável e desta forma sujeita a adversidades externas que não são administradas pelo homem. Desta maneira, podemos destacar para que a felicidade, seja real e verdadeira, é necessário, tanto a excelência completa, como uma existência completa.

Porque, como dissemos, há mister não só de uma virtude completa mas também de uma vida completa, já que muitas mudanças ocorrem na vida, e eventualidades de toda sorte: o mais próspero pode ser vítima de grandes infortúnios na velhice, como se conta de Príamo no Ciclo Troiano; e a quem experimentou tais vicissitudes e terminou miseravelmente ninguém chama feliz (ARISTÓTELES, EN I 1100a5, 1973, p. 259).

Essa situação, ocorreu com o rei de Troia Príamo, durante a guerra contra os Esparta. Conforme descreve a mitologia grega, devido a tenra idade, Príamo não pode participar da guerra, porém seu filho, Heitor, lutou bravamente em defesa da sua cidade e Heitor acabou assassinado por Aquiles. Desta forma, apesar da vida vitoriosa que o rei Príamo teve, no final dela foi acometido deste grande infortúnio ao ver seu filho Heitor morto.

E, se assim é, o homem feliz nunca pode tornar-se desgraçado, muito embora não alcance a beatitude se tiver uma fortuna semelhante à de Príamo. E tampouco será ele versátil e mutável, pois nem se deixará desviar facilmente do seu venturoso estado por quaisquer desventuras comuns, mas somente por muitas e grandes desventuras, recuperará em breve tempo a sua felicidade (ARISTÓTELES, EN I 1101a5, 1973, p. 261).

Para Aristóteles a felicidade, é uma via de mão dupla, ou seja, só é possível ser feliz se praticarmos as virtudes. Entretanto, temos a impressão que a vida de felicidade é um pouco vulnerável sendo está uma das complexidades apresentadas na obra e na teoria Aristotélica. Pois, esperamos que as pessoas boas, e honestas tenham consciência e preservem aqueles princípios fundamentais, mesmo diante de situações adversas, mas é necessário manter-se fiel. Portanto, é justo que as pessoas que vivem assim sejam felizes.

4.2 FELICIDADE DURADOURA

Para o filósofo, a felicidade é um bem viver, e este bem viver deve ser segundo as virtudes, essa é a via mais prazerosa da vida, desta maneira a felicidade não depende de riquezas ou bem acumulados, sendo assim não depende de dinheiro ou posses, não é possível assegurar que o homem de muitas posses e dinheiro será felizes, pois o dinheiro é algo estável. A felicidade não depende de nada, ela é completa e autossuficiente e age sozinha, tornado a vida humana digna, não dependendo de nada. Entretanto, para que realmente encontremos o caminho da verdadeira felicidade é necessário viver racionalmente, de acordo com os princípios da virtude, independente daquilo que possuímos. Desta maneira, uma vida próspera é resultado das atividades bem executadas, não dependendo dos bens exteriores, ou seja, a honra e riqueza não podem ser o termômetro para definir a felicidade. Como já mencionado a felicidade é autossuficiente, sendo assim, não depende de prosperidades e excesso, pois os grandes atos

realizados nobremente são excelentes, mesmo possuindo a falta de prosperidade ou grande poder e influência.

Portanto, a felicidade é classificada como uma atividade da alma, em consonância com a virtude mais elevada em uma vida completa, e aquilo que possuímos, ou os bens que cada indivíduo possui, é apenas um recurso que a pessoa virtuosa utilizará corretamente.

O homem liberal necessita de dinheiro para a prática de seus atos de liberalidade e o homem justo para a retribuição de serviços (pois é difícil enxergar claro nos desejos, e mesmo o que não são justos aparentam o desejo de agir com justiça); e o homem corajoso necessita de poder para realizar qualquer dos atos que correspondem à sua virtude, e o temperante necessita de oportunidade: pois de que outro modo poderíamos reconhecer tanto a ele como a qualquer dos outros? (ARISTÓTELES, EN X 1178a30, 1973, p. 430).

Por outro lado, aquela pessoa que utiliza o vício para viver, e desta maneira é dominado pelo vício, ele usará mal os seus bens, sendo prejudicado.

Para que o homem, realmente alcance a felicidade, é imprescindível viver virtuosamente. Para Aristóteles, somente assim o homem terá uma vida feliz. Pois a felicidade não está em possuir riquezas, mas em ser virtuoso. Em virtude disso lembramos de Jó, que foi acusado por Satanás de adorar a Deus, porque era abençoado e Deus lhe dava tudo que ele precisava. Semelhantemente, satanás propôs a Deus tirar todos os bens que Jó possui, e desta maneira deixaria de adorar a Deus, pois satanás acreditava que a felicidade de Jó estava na riqueza que possuía, e se Jó, perdesse tudo o que possuía deixaria de ser virtuoso. Desta maneira, Deus permite vários infortúnios na vida de Jó, até mesmos seus amigos e sua esposa se assustaram da fidelidade que Jó possuía.

E Jó, tomando um pedaço de telha para raspar com ele as feridas, assentou-se no meio da cinza. Então, sua mulher lhe disse: Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus e morre. Mas ele lhe disse: Como fala qualquer doida, assim falas tu; receberemos o bem de Deus e não receberíamos o mal? Em tudo isto não pecou Jó com seus lábios (cf. JÓ 2,8-9-10).

Aos olhos humanos, ficamos chocados pela tamanha honestidade e fidelidade de Jó a Deus, porém Deus conhecia Jó, e sabia que o mesmo era virtuoso. Essa honestidade manteve Jó inabalável, mesmo enfrentando diversos infortúnios e mesmo assim, continuou agindo virtuosamente, ou seja, não se desviou de seus princípios e da fé que tinha em Deus. Nesse, sentido Aristóteles destaca:

E as mais valiosas dentre elas são mais duráveis, porque os homens felizes de bom grado e com muita constância lhes dedicam os dias de sua vida; e esta parece ser a razão pela qual sempre nos lembramos deles. O atributo em apreço pertencerá, pois, ao homem feliz, que o será durante a vida inteira; porque sempre, ou de preferência a qualquer outra coisa, estará empenhado na ação ou na contemplação virtuosa, e suportará as vicissitudes da vida com a maior nobreza e decoro, se é “verdadeiramente bom” e “honesto acima de toda censura (ARISTÓTELES, EN I 1100b15-20, 1973, p. 260).

Mesmo com grandes desafios, encontramos Jó fiel em suas convicções, mesmo Deus permitindo tamanhas desgraças, ao perder tudo que possui, porém Jó nunca perdeu a sua retidão e para Aristóteles isso é fundamental e determinante para a felicidade. Apesar de as vicissitudes enfrentadas por Jó, ele jamais reclamou do momento que estava vivendo, pois ele não precisava e não dependia de nada para se manter integro, ou seja, a integridade não depende de materiais, mas sim de caráter. Em sua obra, Aristóteles destaca:

Se as atividades são, como dissemos, o que dá caráter à vida, nenhum homem feliz pode tornar-se desgraçado, porquanto jamais praticara atos odiosos e vis. Com efeito, o homem verdadeiramente bom e sábio suporta com dignidade, pensamos nós, todas as contingências da vida, e sempre tira o maior proveito das circunstâncias (ARISTÓTELES, EN I 1100b35, 1973, p. 261).

Aristóteles demonstra que independente de perdas, assim como na história de Jó, que quando possui-a bens, era feliz, entretanto quando perdeu tudo não tornou-se infeliz, mas

permaneceu íntegro. Conforme já descrito anteriormente, a felicidade é autossuficiente e desta maneira não precisa de bens para existir, nada poderá ser acrescentado para a felicidade existir, ela é por si só.

Se um homem é virtuoso e possui riquezas, poderá executar grandes ações, contribuindo com outras pessoas, sente prazer nestas ações realizadas e se este homem, angariar ainda mais riquezas, poderá auxiliar ainda mais pessoas. Para Aristóteles, quando o homem adquire essa riqueza suplementar, e consegue auxiliar outras pessoas, será algo prazeroso e bom, e tal indivíduo será virtuoso. Porém, tal prazer não poderá substituir a felicidade que tal indivíduo já possuía antes de auxiliar outras pessoas, com doações de bens. Para Aristóteles, a boa fortuna jamais poderá ser vista como a fonte principal para a felicidade, se for assim, a felicidade não é autossuficiente. Porém, uma boa fortuna, não é problema para ninguém, inclusive ela poderá ajudar a ser mais feliz.

O homem virtuoso, como já mencionado, possui uma vida mais feliz, e portanto, precisa de uma forma moderada de bens exteriores, pois poderá ser acometido de perdas ao longo da vida, como aconteceu com Jó e desta maneira não se abalará. Portanto, a felicidade possui várias partes importantes, desta maneira sou feliz se possuo todas as partes, e sou infeliz se não possuo ao menos uma delas. Entretanto, existe uma grande diferença em possuir uma das partes da felicidade, e não ter parte alguma. Tonara-se importante conhecer essas partes e entender a diferença, pois o homem virtuoso sempre manterá uma parte da felicidade, sem essa parte é impossível participar da felicidade.

Na obra de Aristóteles, o mesmo enfatiza que o homem não está impedido de possuir bens e ser feliz, desta maneira o virtuoso não depende de condições, a boa fortuna não impede ninguém, a realizar grandes ações. O que realmente está em discussão é que independente de bens o virtuoso será feliz, a pessoa que não é virtuosa independente dos bens, não participa da felicidade. Por outro lado, aquele homem que não possui bens, mas é virtuoso, para a sociedade capitalista é infeliz, mas para Aristóteles o que traz a felicidade é a virtude, por outro lado existem muitos afortunados que não praticam as virtudes e são infelizes. A única via para encontrar e viver uma vida feliz é através das virtudes, independe dos bens que cada indivíduo possui, essa é a combinação perfeita para chegar ao sumo bem.

A virtude, é interligada com a felicidade, sem virtude não existe felicidade, ela é estável e nada poderá destruí-la, e não poderá ser tirada de nós, a virtude também é imune a fortuna. O homem que é feliz, não depende de sorte, a única razão da sua felicidade é ele próprio e não em razão de outra coisa. Tal felicidade está arraigada no caráter de cada indivíduo, através das ações diárias realizadas. E assim como na história de Jó, o homem que realmente possui felicidade, será feliz sempre independente das vicissitudes da vida.

Quando diremos, então, que não é feliz aquele que age conforme a virtude perfeita e está suficientemente provido de bens exteriores, não durante um período qualquer, mas através de uma vida completa? Ou devemos acrescentar: “E que está destinado a viver assim e a morrer de modo consentâneo com a sua vida”? Em verdade, o futuro nos é impenetrável, enquanto a felicidade, afirmamos nós, é um fim e algo de final a todos os respeito (ARISTÓTELES, EN I 1101a15, 1973, p. 261).

Por isso Jó, conforme descrevemos anteriormente, não era infeliz pois ele possui uma vida justa e era um homem bom, desta maneira a sua felicidade, naquele momento de vicissitudes estava limitada, porém ele não se tornou infeliz “[...] se as atividades são, como dissemos, o que dá caráter à vida, nenhum homem feliz pode tornar-se desgraçado, porquanto jamais praticará atos odiosos e vis”. (ARISTÓTELES, EN I 1100b35, 1973, p. 261).

Ao posicionar-se sobre a afirmativa de que as ações virtuosas controlam ou estabelecem a felicidade, Aristóteles não está afirmando que as ações virtuosas sejam bastante para a felicidade e muito menos que a felicidade depende unicamente das ações virtuosas e seus resultados. O que realmente o filósofo tenta demonstrar, é que nas ações apropriadas, as ações virtuosas são o termômetro que contribuam como fator determinante para a felicidade. Sendo assim, o homem virtuoso não pode ser excluído do fato que precisa dos bens exteriores de certa maneira para a sobrevivência. Entretanto Aristóteles ressalta que os bens não podem ser determinantes para a felicidade, ou seja, os bens em si, não podem ser o bastante para tornar alguém realmente feliz. Talvez, esse seja um dos pontos mais difíceis de ser compreendido na obra de Aristóteles, haja vista vivermos em uma sociedade com padrões consumistas, e diante

das necessidades do ser humano, vivemos em uma escalada de grande consumo de bens. Alguns indivíduos da sociedade moderna, associam uma vida feliz, pela conquista e poder de compra, esses bens exteriores são fundamentais para alguns indivíduos, para sentirem-se completos e obter uma sensação de felicidade, por isso Aristóteles prolonga esse debate, pois seu argumento enfrenta bastante resistência.

Ou será um erro esse acompanhar as vicissitudes da fortuna de um homem? O sucesso ou o fracasso na vida não depende delas, mas, como dissemos, a existência humana delas necessita como meros acréscimos, enquanto o que constitui a felicidade ou o seu contrário são as atividades virtuosas ou viciosas (ARISTÓTELES, EN I 1100b8, 1973, p. 260).

Um indivíduo de caráter virtuoso, controla a felicidade pois possui um certo grau de inflexibilidade, sendo assim, tal indivíduo é mais propenso a modificar o seu caráter a fim de atingir algo que deseja. O homem que mantém essa inflexibilidade é um homem virtuoso e estável e conseguindo manter essa inflexibilidade, tal homem assegura o componente dominante para a felicidade. Aquele indivíduo que muda o seu caráter em virtude da sua individualidade a fim de enriquecer-se ou ganhar muito dinheiro, ele faz isso, pois tem em vista a felicidade. Porém, se este sujeito, se importa mais com as riquezas que ganhará, ou com o dinheiro que terá, tal escolha é volúvel, pois se as virtudes e o caráter virtuoso, foram esquecidos nesse processo, tal sujeito não será feliz. Pois os bens só farão sentido se tivermos a virtude e as ações virtuosas façam parte do cotidiano, pois os bens são elementos para a felicidade. Agindo assim, esse sujeito, demonstrará que não entende a natureza da felicidade, e muito menos a natureza de um caráter virtuoso.

Mesmo que na vida, todos os seres humanos, tenham que enfrentar dias difíceis, de perda e solidão, mas nada disso pode afetar a felicidade que obtemos através da virtude, pois a verdadeira felicidade vence os infortúnios da vida e permanece mutável. O grande rei Priamo, vivia no auge de sua majestade, era feliz, até perder seu filho herdeiro do trono Heitor, e não bastando isso, também perdeu seu trono na guerra. Mesmo enfrentando dias difíceis no final de

sua vida, esses acontecimentos e infortúnios, não significam que o rei Priamo foi infeliz. Entretanto é possível que o rei Priamo tenha sido um rei virtuoso, desta maneira essas coisas ruins, que o mesmo enfrentou, não conseguiram tirar a felicidade, talvez ele possa ter morrido feliz, pois tenha realizado todos os projetos dignos de ser realizados.

Por outro lado, encontramos Jó, ele era um dos homens mais rico de sua época, porém perdeu tudo o que tinha, mesmo assim, manteve-se íntegro diante do Deus ao qual ele cria. Devido a essa fidelidade e integridade, Jó, foi abençoado por Deus e viveu até a quarta geração dos seus descendentes e sua riqueza foi reestabelecida, ou melhor, foi acrescentado além daquilo que ele tinha anteriormente. Poderíamos ter citados inúmeros exemplos de pessoas que ficaram marcados na história, pela integridade, porém utilizei esses dois exemplos para ilustrar o argumento de Aristóteles a respeito de a virtude ser a grande responsável pela felicidade, independente daquilo que enfrentamos na vida.

Aristóteles herda de seu mestre, essa relação entre virtude e felicidade. Platão, também utiliza e debate sobre a virtude em seu livro I da República, porém ao contrário de Aristóteles, Platão não defende a virtude como a única alternativa para a felicidade. O grande mestre Platão, discorrerá sobre o tema e principalmente argumenta que o homem justo passará por infortúnios, mas, mesmo assim, esse homem justo, é mais feliz que qualquer pessoa injusta. Platão, conforme mencionado anteriormente, concorda com Aristóteles que cada coisa possui uma função própria e essa tal função é virtuosa, quando executada de forma excelente, e para Platão a alma também possui uma função importante:

Muito bem. E agora considera o seguinte: há alguma atividade da alma que nada no mundo possa realizar em lugar dela, como dirigir, comandar, aconselhar e tudo o mais do mesmo gênero? Teremos o direito de atribuir todas essas funções a outra coisa que não seja a alma, e não devemos afirmar que lhe são peculiares? (PLATÃO, 2000, p. 90).

Para Platão, essa atividade não poderá ser atribuída para outra coisa, a não ser para a alma, desta maneira a alma possui a sua virtude própria, e a alma terá uma deficiência se estiver

desprovida de tal virtude, e desta maneira a alma não desempenhará bem a sua função, se estiver desprovida de virtude “[...] uma alma ruim, por conseguinte, terá necessariamente de governar e dirigir mal, ao passo que a alma boa fará bem tudo isso”. (PLATÃO, 2000, p. 90). Platão, conclui que a justiça é uma virtude e a injustiça um vício da alma má e desta maneira, aquele homem que pratica a justiça, viverá bem, enquanto o indivíduo que pratica a injustiça, viverá mal “[...] logo, quem vive bem é feliz e abençoado; e quem não vive bem, o contrário disso. Certamente. O justo, portanto, será feliz, e o injusto, desgraçado”. (PLATÃO, 2000, p. 90).

Portanto, ser injusto não compensa, pois, vivendo assim o homem será infeliz, pois a injustiça trará danos para a felicidade. Aristóteles, em nenhum momento atribui a seu mestre a doutrina de que o homem será mais feliz, porém ele acredita que a pessoa tornar-se feliz ao mesmo tempo em que vive uma vida de bondade.

Viver uma vida virtuosa e agir o mais virtuosamente possível estão sobre o alcance de todos os homens, podendo ser alcançado através de uma vida de reflexão racional. O homem que visa viver uma vida virtuosa, inclinará e vai querer agir dentro do campo das virtudes e praticar ações corretas e desta maneira atingirá os seus objetivos, através da sua ação. Uma pessoa justa, preocupa-se com suas ações, pois seria muito estranho uma pessoa justa, não agir assim. Da mesma maneira, um homem justo, se preocupa em viver sua vida através da razão prática, pois a sua alma deseja praticar ações justas mesmo que, não obtenha êxito em outros objetivos de sua vida. Portanto o caráter é o principal objetivo do homem justo, não significa que tal homem não possua outras capacidades.

Um indivíduo que vive pela razão, jamais pensará que viveria mais feliz se fosse menos virtuoso, pois a pessoa virtuosa dificilmente se arrepende dos atos virtuosos que realizou. Contudo, isso acontece não porque esse indivíduo alcança sempre o que busca, muito menos porque não será acometido pelos infortúnios da vida, mas porque toda atividade realizada pelo homem virtuosos, terá o prazer de realizar e tal homem compreende que estaria em uma situação pior, se sacrificasse sua capacidade de agir através da racionalidade, que é o que domina o seu viver. Portanto a razão é fundamental para o homem, que almeja ser feliz, pois a razão sustenta a dominância da virtude na felicidade.

Nem sempre ser justo é garantia que o homem atingirá o que deseja, mas diante disso o homem deve permanecer justo, antes de alcançar seus objetivos. Pois para Aristóteles é melhor ser justo e não conseguir o que se deseja, do que conseguir e ser injusto. Neste sentido para Aristóteles, o homem deve fixar sua vida em objetivos rígidos, e o tipo de rigidez em estado de caráter é em si um elemento de felicidade no homem virtuoso. Pois, se um homem cultivar um estado de caracteres estáveis e imutáveis, assegura a sua própria felicidade. Essa estabilidade é a diferença, entre o homem virtuoso e o vicioso, pois o vicioso é instável. Não significa que o homem vicioso terá um fim último menos constante que o virtuoso, mas pelo fato de ser instável o vicioso poderá mudar e sacrificar outros fins, no lugar do fim que entende por soberano. Portanto, a pessoa viciosa é mais maleável, desta maneira já seria uma razão para ser virtuoso.

O que o estagirita está dizendo, é que se alguém tem os planos certos para seu futuro, precisa batalhar com muita persistência nos seus objetivos no presente. Se um homem que deseja alcançar algum objetivo por ele determinado, e se tornar maleável com seu estado de caráter, tal homem se destruirá antes de ter alcançado os seus objetivos “[...]o sucesso ou o fracasso na vida não depende delas, mas, como dissemos, a existência humana delas necessita como meros acréscimos, enquanto o que constitui a felicidade ou o seu contrário são as atividades virtuosas ou viciosas”(ARISTÓTELES, EN I 1100b10, 1973, p. 260). Os indivíduos maleáveis adaptam-se, para chegar aonde desejam, mas quando esses homens se tornam flexíveis e não tem um caráter permanente e se adaptam a situação que estão vivendo, em parte se destrói e em parte não asseguram mais seus objetivos.

O ser humano desenvolve o estado de caráter quando adquire as virtudes, que são atualizadas em ações virtuosas intermitentes, e estão, entre os estados essências e a persistência é fundamental para adquirir. Quem é virtuoso ama o seu amigo em si mesmo, pois o seu caráter virtuoso o aproxima, desta maneira o amigo também deverá ser virtuoso, e para Aristóteles essa é a amizade ideal.

A amizade entre as pessoas virtuosas, acontece devido a si mesmas, ou seja, devido o caráter que possuem. Geralmente essas amizades, são duradouras, pois não são instáveis, e possuem resistência aos desencontros ocorridos durante a amizade. Se um dos amigos mudar o seu caráter, tal amizade terminará, pois o que mantêm a amizade firme e forte é exatamente o

caráter. E se um dos amigos, tiver uma mudança de caráter, segundo Aristóteles, tal indivíduo não é mais o mesmo. E desta maneira o amigo que manteve o caráter inabalável, poderá desfazer-se da amizade, sem ter obrigações que tinha com o indivíduo que mudou.

Muitas amizades no tempo em que vivemos são desfeitas, por pequenas coisas e intrigas, principalmente quando uma das partes decide tomar caminho diferente, mas para o filósofo não é a pessoa que mudou, mas o que realmente foi modificado é as escolhas. Muitas dessas mudanças nas amizades, ocorre em virtude de vicissitudes ocorridas durante a vida, pois muitas pessoas planejam a vida, e muitas vezes não conseguem idealizar tal projeto, vindo a se frustrar e mudar de opinião a respeito da vida e desta maneira mudam suas personalidades. Não significa que tal pessoa perdeu o afeto pelos amigos, mas o fim que essa pessoa tem como soberano, poderá sacrificar, fins que considera subordinado, por exemplo, uma pessoa amante de riquezas, os outros fins como a amizade se tornarão subordinados, pois não possuirá a mesma importância que o dinheiro e riquezas. Essa pessoa portanto, não terá nenhum constrangimento em agir de forma desonesta, para poder atingir seus objetivos. Viver desta maneira, para Aristóteles não faz nenhum sentido, por isso o autor rejeita esse tipo de vida.

As relações amigáveis com seu semelhante e as marcas pelas quais são definidas as amizades parecem proceder das relações de um homem para consigo mesmo. Com efeito, definimos um amigo como aquele que deseja e faz, ou parece desejar e fazer o bem no interesse de seu amigo, ou como aquele que deseja que seu amigo exista e viva (ARISTÓTELES, EN IX 1166a1, 1973, p. 403).

A deliberação, sempre partirá de um objetivo, por exemplo, quando um homem quer alcançar uma saúde melhor, primeiramente ele irá propor, mudar a sua alimentação e em segundo lugar pensa em como cozinhará pois não sabe cozinhar, desta forma terá que aprender a cozinhar. E desta maneira, esse homem entende que precisará aprender a cozinhar, portanto, terá que fazer cursos para atingir esse objetivo. Por isso, as decisões que este homem tomou, revelam a qualidade de seu pensamento prático, e seu caráter determinará seus valores básicos, seu intelecto guiará e determinará sua condução.

A grande parte da humanidade procura aquilo que é bom, e fazem seus julgamentos, porém aquele homem que não possuem um valor correto, não saberão encontrar aquilo que realmente é bom.

O grande filósofo, ao tratar da razão prática e da sua estabilidade, nos mostra que ser virtuoso é um componente insubstituível para a felicidade. Aquele indivíduo que busca viver uma vida de abdicção de objetos dependente da razão, e seu caráter é estável, não percebeu que sua preocupação é com a felicidade. A felicidade portanto, se dará pela racionalidade, desta maneira o homem deverá buscar viver racionalmente, para esse bem almejado, a felicidade.

Depois de descrever as principais ideias de Aristóteles, acerca da felicidade, em como obter a mesma, chego ao fim deste trabalho. A grande pergunta que faço, é se realmente consegui encontrar o fim que desejei neste trabalho, mas como já discutido ao longo do curso de filosofia, na ciência prática, que é a ética a grande discussão, não se dá no tomar conhecimento, mas sim no realizar “[...] no tocante a virtude, pois, não basta saber, devemos tentar possuí-la e usá-la ou experimentar qualquer outro meio que se nos antepare de nos tornamos bons”. (ARISTÓTELES, 1991 p. 237).

Não basta estudar a ética de Aristóteles, somente isso não bastará para nos tornarmos pessoas plenamente boas, mas é necessário praticar a ética, para que aquilo que Aristóteles transmitiu em seu livro, não seja vão. Pois todo indivíduo, que busca ter uma vida próspera e feliz, deverá tornar-se um indivíduo excelente. O que Aristóteles está tentando nos ensinar, é que não é suficiente saber o que é a felicidade, ou virtude, mas para o filósofo o mais importante é que nos tornamos bons. Se somente o conhecimento fosse o suficiente para lograr êxito nesse quisto, deveríamos debruçar nossa vida em ter ainda mais conhecimento. O filósofo, lembra que quando tratamos de atividades a fazer, não é necessário teorias, mas ele queria nos levar a agir exercendo as virtudes “[...] uma vez que a presente investigação não visa ao conhecimento teórico como as outras – porque não investigamos para saber o que é a virtude, mas a fim de nos tornarmos bons, do contrário o nosso estudo seria inútil”. (ARISTÓTELES, EN II 1103b25, 1973, p. 268).

Conclui-se que a filosofia de Aristóteles, não estava interessada na parte teórica, mas, na prática, em um conhecimento imediato que leve o indivíduo a uma vida virtuosa, sendo bom.

Uma vida racional é importante, pois desta maneira é possível exercer a vida de virtudes, mesmo aquelas pessoas que são levadas e guiadas pelas paixões, poderão possuir a razão prática, só depende de deliberar corretamente e somente assim poderão alcançar o fim último, que é o bem mais desejado por todos. Bem este que é capaz de superar os infortúnios da vida, a felicidade. Os homens que vivem uma vida de vícios, ao invés da virtude, serão infelizes, pois o caminho que Aristóteles apresenta para a felicidade é a vida ética.

5 CONCLUSÃO

Na *Ética a Nicômacos*, encontramos a exposição moral Aristotélica, esta exposição é fundamental, na obra Aristóteles descreve sobre a questão do fim último de toda ação humana, ele destaca que toda ação humana visa um fim último que é a felicidade.

Para que tenhamos uma vida ideal, é importante gozar a vida sobre o plano das virtudes ao lado de quem convive conosco, e através desta vivencia, temos a felicidade. Portanto, a virtude moral é adquirida, através do exercício das demais virtudes, na trajetória da vida humana. Sem a vida prática das virtudes, o homem não poderá tornar-se bom.

Encontramos as virtudes divididas das seguintes formas, as dianoéticas e as virtudes intelectuais, que é a potencialização do conhecimento da parte racional da alma. Também temos as virtudes éticas e morais, que enfatizam o caráter e a natureza da virtude, encontra-se exatamente no meio termo: a virtude da coragem, está exatamente entre a covardia e a temeridade. Portanto, o caminho para chegar a eudaimonia é exatamente a via do meio termo, ou o caminho da virtude. Conclui-se que cada coisa possui sua atividade, sua própria função, ou seja, o que está determinada que cada coisa faz de melhor: a função própria da perna é caminhar.

Ao debruçar sobre a atividade do homem, Aristóteles chega a conclusão, que a coisa própria do ser humano, só pode ser a razão, pois é algo único do homem. Pois o viver é algo comum aos animais e plantas, da mesma maneira que o sentir é compartilhado entre os animais.

A felicidade, é o sumo bem porque é sempre desejada por si mesma, e não é um meio para outra coisa. Nenhum homem procura a felicidade, tendo em vista outra coisa, ou outra virtude, além de ser feliz. A felicidade não depende de nada, pois é autossuficiente, e desta maneira não está subordinada a uma única pessoa ser feliz, mas desta maneira é acessível á todos os homens. A felicidade, na condição de autossuficiente, torna a vida humana mais desejada e livre, pois é desta maneira que a felicidade é.

Ao analisar e compreender a obra de Aristóteles, que foi alvo principal neste presente trabalho, pois foi utilizado alguns elementos importantes que fazem parte do agir humano na

visão de Aristóteles, como a ética, amizade, virtude, prazer entre outros vários elementos. É possível concluir deste análise, que Aristóteles, propõe um caminho para a felicidade enquanto fim. E conquistá-la é preciso dominar o agir. Ressaltamos, que a felicidade é uma construção permanente, e não é acessível somente no final da vida, mas pode ser vivida desde o início da vida.

No primeiro capítulo do trabalho foi apresentado a ética no convívio com os demais indivíduo de uma sociedade, e através desta convivência em sociedade o homem terá a oportunidade de desenvolver a ética prática. Já no segundo capítulo, dedicamos a apresentação da vida ética, mesmo naqueles dias de dificuldades, ou seja, quando temos que enfrentar os infortúnios da vida, destacamos que para Aristóteles, mesmo que o homem passe por infortúnios, esse homem será feliz, independente do momento que estiver vivendo. E no terceiro e último capítulo apresentamos a filosofia moral de Aristóteles, que não visa as questões teóricas mas a vida prática.

A felicidade não é um fim que está acabado, mas é algo que está em movimento, portanto está em constante aprimoramento e nos leva sempre a querer buscá-la. Em muitas situações o ser humano terá que agir com prudência, mas diante das vicissitudes que enfrentamos durante o decorrer da vida, nesses dias é normal que o ser humano esteja com pouco animo e muitas vezes abatido.. Entretanto, mesmo diante desses momentos sombrios, a felicidade não deixará de existir, pois ela não é algo momentâneo, mas é duradoura. Para Aristóteles somente poderá viver a *eudaimonia*, quem viver sobre a vida virtuosa, sem praticar a virtude é impossível ser feliz. Desta maneira a felicidade está relacionada com a atividade que desenvolvemos em comunidade, e através da prática de boas ações encontramos a vida feliz. Por isso, o homem que realmente deseja ser feliz, deverá ter uma vida intensa em relação a prática de boas ações, quanto mais ele as praticar, mais prazer e felicidade terá na vida.

6 REFERÊNCIA

- ARISTÓTELES. **A Ética**: Textos selecionados. 3. ed. Trad. e Notas: Cassio M. Fonseca. São Paulo: Edipro, 2015.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro et tal. 1. ed. Brasília: Editora Abril Cultural, 1973.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: EDUnB, 1985. ISBN: 85-230-0049-6.
- AS VIRTUDES EM ARISTÓTELES**. Revista passei direto, 30. Out, 2021. Disponível em < <https://www.preparaenem.com/filosofia/a-felicidade-pensada-por-aristoteles.htm> > Acesso em 30 Out. 2021. > Acesso em 30 Out. 2021.
- CABEZA, C.M. **O Ócio Autotélico**. Revista do centro de pesquisa e formação. Sesc. São Paulo. P.12, maio, 2016.
- Ética a Nicômaco**; Poética / Aristóteles; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. — 4. ed. — São Paulo: Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores; v. 2)
- KRAUT, Marco . **A ética a Nicômaco**. Trad. Alfredo Storck. Porto Alegre :Artmed, 2009.
- PLATÃO. **A república**. 3. ed. Trad. e notas: Carlos A. Nunes. Belém: Edufpa, 200.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes,
- VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. 30. ed. Trad. João Dell' Anna. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.
- ZINGANO, Richard. **Sobre a ética nicomaquéia de Aristóteles**: textos selecionados. São Paulo: Odysseus Editora, 2010.